

MARIA JOSÉ DA SILVA SANTOS DE PAULO

**EDUCAÇÃO E RELAÇÕES RACIAIS: O DESAFIO DA
DOCÊNCIA FRENTE À DIVERSIDADE DO COTIDIANO ESCOLAR**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

PUCPR

CURITIBA

2000

MARIA JOSÉ DA SILVA SANTOS DE PAULO

**EDUCAÇÃO E RELAÇÕES RACIAIS: O DESAFIO DA
DOCÊNCIA FRENTE À DIVERSIDADE DO COTIDIANO ESCOLAR**

Dissertação apresentada à Pontifícia
Universidade Católica do Paraná, como
requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Educação, sob a orientação da
Prof.^a Dr.^a Lilian Anna Wachowicz.

CURITIBA

2000



Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Centro de Teologia e Ciências Humanas
Área de Educação
Mestrado em Educação

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, NÍVEL DE MESTRADO, DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ.

Exame de Dissertação n.º 185

Aos doze dias do mês de abril de dois mil, realizou-se a sessão pública de defesa de dissertação "EDUCAÇÃO E RELAÇÕES RACIAIS: O DESAFIO DA DOCÊNCIA FRENTE À DIVERSIDADE DO COTIDIANO ESCOLAR", apresentada por **Maria José da Silva Santos de Paulo**, ano de ingresso 1997 para obtenção do título de Mestre. A Banca Examinadora foi composta pelos seguintes professores:

MEMBROS DA BANCA	ASSINATURA
Prof. ^a Dr. ^a Lilian Anna Wachowicz	<i>Lilian A. Wachowicz</i>
Prof. ^a Dr. ^a Sonia Ana Leszczynski	<i>Sonia Ana Leszczynski</i>
Prof. Dr. Deoclécio Antônio Scherer	<i>Deoclécio Antônio Scherer</i>

De acordo com as normas regimentais a Banca Examinadora deliberou sobre os conceitos a serem atribuídos e que foram os seguintes:

Prof. ^a Dr. ^a Lilian Anna Wachowicz	Conceito	A
Prof. ^a Dr. ^a Sonia Ana Leszczynski	Conceito	A
Prof. Dr. Deoclécio Antônio Scherer	Conceito	A
	Conceito Final	A

Observações da Banca Examinadora:

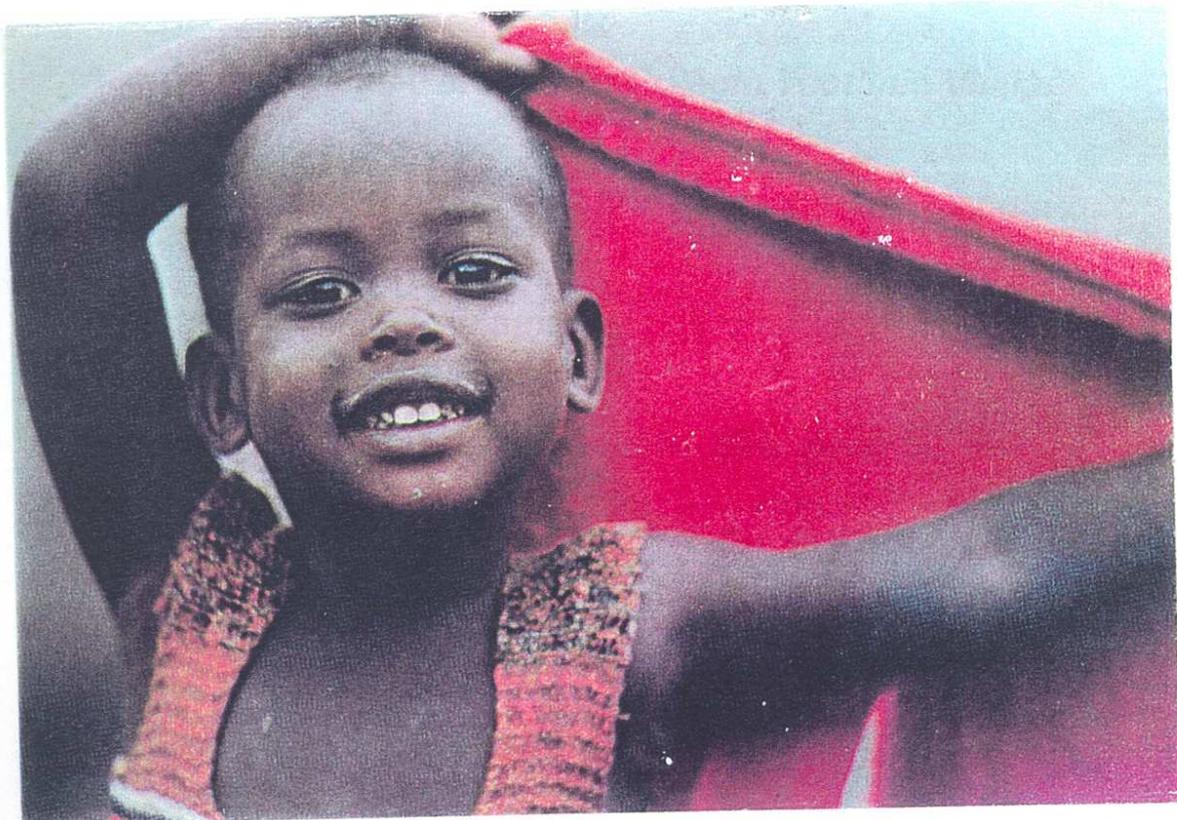
Considerando o momento histórico e a relevância do tema, a Banca recomenda a divulgação do trabalho.

M. A. Zainko
Prof.^a Dr.^a Maria Amélia Sabbag Zainko
Diretora da Área de Educação
Coordenadora do Curso de Mestrado em Educação

OFEREÇO

A Deus, que é sem dúvida minha força, diariamente.

*É PRECISO CORAGEM PARA ABRIR OS BRAÇOS, MOSTRAR O
SORRISO E EXPERIMENTAR A ALEGRIA DE UM MUNDO LIVRE E SOLIDÁRIO.*



AGRADECIMENTOS

- ✓ *A Prof.^a Dr.^a Lilian Anna Wachowicz, minha orientadora, pelo profissionalismo, respeito, sabedoria e carisma com que conduziu nossos momentos de trabalho.*
- ✓ *A Prof.^a Dr.^a Sonia Ana Charchut Leszczynski e ao Prof. Dr. Deoclécio Antônio Scherer pelas contribuições importantes que nos deram no exame de qualificação deste trabalho.*
- ✓ *Aos demais professores do Curso de Mestrado em Educação da PUCPR que estiveram envolvidos e me apoiaram durante todo o processo.*
- ✓ *Aos profissionais e alunos do Colégio Teotônio Vilela.*
- ✓ *Ao Movimento Negro que soube da minha luta e apoiou.*
- ✓ *Aos meus familiares e amigos.*
- ✓ *Em especial a você, Talaby, minha filha querida.*
- ✓ *Ao Carlos Alberto, com carinho.*

**AXÉ A TODAS AS PESSOAS QUE ME APOIARAM
DIRETA OU INDIRETAMENTE .**

RESUMO

Um olhar inclusivo para a pessoa negra: investigar a formação do(a) docente no cotidiano escolar tendo em vista essa problemática. Foi esse raciocínio que oportunizou o tema/ Educação e Relações Raciais/ O desafio da Docência Frente à Diversidade do Cotidiano de sala de aula, norteado pela a linha de pesquisa Teoria e Prática Pedagógica na Educação Superior. Foi uma tentativa de entrar na Universidade e questioná-la a partir da prática dos profissionais que ela coloca no mercado: até que ponto os docentes conseguem lidar com a diversidade do cotidiano de sala de aula?

Após o levantamento bibliográfico, que confirmou a limitação da docência para tratar com as diferenças de raça/ gênero, classe, deficientes e outros, partiu-se para a investigação, direcionada a questão racial negra, que buscou informações referentes a situações de discriminação, preconceito, racismo e exclusão.

Os dados, foram obtidos através de amostragem com 10% dos docentes, corpo administrativo e alunos de uma escola da rede estadual de ensino, em Curitiba. Aleatoriamente, os docentes que responderam aos questionários atuavam na Educação Básica, Ensino Médio e Educação Superior. Os alunos que deram os relatos foram de turmas diversas .

Os resultados indicam a necessidade de mudanças, porque a escola ainda é muito excludente, ao não encarar a presente questão.

No transitar da pesquisa, foi possível ouvir situações vivenciadas pelos alunos negros e não negros como manifestações de preconceito, discriminação e racismo, nas quais a escola não teve postura e nem conhecimento para encaminhar adequadamente os fatos.

Dados mostram que mais de 45% da população brasileira é composta de pessoas negras e mestiças, em Curitiba esse percentual é de 23%.

Para tanto, foi possível perceber neste trabalho que é necessário mudar: rever o currículo, investir na formação dos docentes e buscar uma proposta pedagógica inclusiva transformadora. Isto é possível através de um trabalho escolar coletivo e interdisciplinar.

ABSTRAT

An inclusive look at the black people. To investigate the background of teaching in the school. The theme was born from the following considerations: Education and racial Relationships: The challenge of teaching in front of the daily diversity in the classroom. The theme was guided by a research based on Theory and Pedagogic Practice the University. The research, that was made inside the University, was based on what kind of teachers the University puts inside the market. Are they able to deal with the diversity in daily classroom?

After a bibliographical survey that confirmed the limitation of the teacher to deal with racial and rank differences as well as deficiencies and others.

It was chosen to raise the question about the black people, looking for informations concerned to the matter of discrimination, prejudice, racism and exclusion.

The result was obtained through a sample of 10% per cent of the teachers, the administrative staff and the students. Those who answered the questions belonged to Basic Media Education and Upper Education. The students who answered them come from different classes.

The results show the necessity of changing. And school is still excluding.

During the research it was listened to black and white people experiences concerned to prejudice, discrimination and racism. The School did not show neither position nor knowledge to face these problems.

More than 45% per cent of Brazilian people is black and half-bred. In Curitiba 23% is out of school, excluded so, it was possible to observe that it is necessary to change, to review the curriculum, to consider the teacher's background and to change this situation. This will only be possible through a common, interdisciplinary school work.

SUMÁRIO

RESUMO	v
ABSTRAT	vi
1 - INTRODUÇÃO	1
2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
2.1 A DIVERSIDADE CULTURAL E A FORMAÇÃO	7
3 - METODOLOGIA.....	29
4 - O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	34
4.1 A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA DAR VISIBILIDADE À DIVERSIDADE DOS SUJEITOS NAS RELAÇÕES SOCIAIS E NO AMBIENTE ESCOLAR	37
4.2 NO DECORRER DA GRADUAÇÃO HOUVE PREOCUPAÇÃO EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO, AO MULTICULTURALISMO E ÀS RELAÇÕES RACIAIS ?	39
4.3 OPINIÃO DOS DOCENTES EM RELAÇÃO À DISCRIMINAÇÃO E O PRECONCEITO RACIAL ÉTNICO.....	42
4.4 A ESCOLA EM RELAÇÃO À SOCIEDADE E AO MERCADO DE TRABALHO.....	44
5. A METODOLOGIA DE ENSINO COMO FORMA CONSTRUTIVA DO CONHECIMENTO	49
5.1 SITUAÇÕES DE PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO NO COTIDIANO.....	55
5.2 A EDUCAÇÃO ESCOLAR PODE COLABORAR PARA A INCLUSÃO QUALITATIVA DA PESSOA NEGRA NA ESCOLA E NA SOCIEDADE	61
5.3 A EXCLUSÃO DA PESSOA É NATURAL? PODE SER REVERTIDA?.....	66
5.4 A SITUAÇÃO DE PRECONCEITO NO COTIDIANO EXIGE MUDANÇA DE POSTURA E DE ATITUDE DO COLETIVO DA ESCOLA	70
5.4.1 <i>Como identificar o racismo na escola: algumas considerações.</i>	70
5.4.2 <i>Possíveis conseqüências para o aluno negro.</i>	71
5.4.3 <i>Possíveis conseqüências para o aluno branco.</i>	71
5.4.4 <i>Como enfrentar o preconceito e a discriminação na escola.</i>	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
A N E X O S	90
ANEXO I	91
QUESTIONÁRIO I	91
ANEXO II.....	92
QUESTIONÁRIO II	92
ANEXO III.....	93
ENTREVISTA	93
ANEXO IV	95
RELAÇÃO DOS MOVIMENTOS NEGROS NO BRASIL	95
COM ÊNFOQUE EDUCACIONAL.....	95
ANEXO V	97
RELAÇÃO DAS ESCOLAS E UNIVERSIDADES QUE TRABALHAM VOLTADAS À VALORIZAÇÃO DA PESSOA NEGRA	97
ANEXO VI	98
NOTÍCIAS DE JORNAIS	98
ANEXO VII	99
FOTOS SEMINÁRIOS NEGROS E EDUCAÇÃO	99

ANEXO VIII.....	100
FOTOS DA SEMANA CULTURAL DOS ALUNOS E PROFESSORES DA ESCOLA	100
ANEXO IX.....	101
DADOS ESTATÍSTICOS.....	101
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	102

CAPÍTULO I

1 - INTRODUÇÃO

“A proposta é que as pessoas formadoras de opinião se conscientizem e caminhem em direção ao resgate da identidade, da valorização da cultura da etnia (...) faça uma educação pela dignidade humana.” (CHAGAS, 1986, p. 03).

Várias teorias em torno da problemática educacional têm enfatizado o caráter da prática do cotidiano social da educação. Tal paradigma funda-se na própria natureza social da pessoa humana. O ser humano é em si mesmo um ser de relações e a sua efetivação como sujeito que se constrói carece de um tecido social interativo, inclusivo e responsável, dada a diversidade étnica. Aristóteles defendeu, insistentemente, a natureza política do homem.. Chegou a apregoar que “quem não pode entrar e fazer parte de uma comunidade ou quem não precisa de nada, bastando-se a si mesmo, não é parte de uma cidade, mas é ou uma fera ou um Deus.” (ARISTOTELES, apud PAUL, 1968, p. 12).

Ao perceber essa caracterização relacional do ser humano como um ser que, embora único, vive e se realiza inevitavelmente no meio social, num conjunto de relações de diversidade: de raça, de classe, etc ... Nesse sentido encontra-se, interioriza o que exterioriza, confere expressão de concretude ao seu ser exterioriza sua interioridade. O ser humano é controlado por um sistema social sendo por ele

vinculado a papéis bem determinados. Pode entretanto reagir ativamente sobre esse sistema. São, portanto, relações ativas e em movimento, cabendo até mudança de postura dos educadores frente a esta realidade. Esta é uma reflexão ética.

“A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por essa ética inseparável da política educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la vivaz, aos educandos em nossas relações com eles.” (FREIRE, 1996, p. 17)

* Assim sendo, a relação humanizadora de uma prática pedagógica contextualizada dos sujeitos levará à construção da inclusão social dos indivíduos ainda excluídos, como a maioria da população negra. Será, portanto, um processo muito mais societário que individual. A educação, nesse processo, pode contribuir para com um novo pensar da sociedade, na medida em que buscar, em sua prática pedagógica, uma ação transformadora da realidade do cotidiano. Esse processo estabelece uma parceria nessa mudança de postura, ao valorizar a diversidade cultural dos alunos no contexto escolar, numa educação cuja finalidade é exercer a cidadania.

“O indivíduo completo é aquele que tem a capacidade de entender o mundo, a sua situação e que, se ainda não é cidadão, sabe o que poderiam ser os seus direitos.” (SANTOS, 1996, p.133). Para tanto, os docentes terão que permitir esta reflexão educativa, visto que a sociedade é movimento dinâmico.

* Há cinquenta anos, os países membros das Nações Unidas comprometeram-se a promover o respeito universal aos direitos humanos, ao assinarem a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 10 de dezembro de 1948. Hoje, no entanto, vemos que vários preceitos do texto da Declaração não estão sendo cumpridos em diversas partes do mundo. Práticas discriminatórias contra a pessoa negra, a mulher, o deficiente, o idoso, indígenas e outras “minorias,” que lamentavelmente persistem em discriminar, são algumas das formas de violar os direitos humanos.

Parece-nos, então, que devemos buscar novos olhares e novos pontos de partida ao abordar as relações raciais na sociedade brasileira.

* “A nova escola não poderá, pois, partir das relações dominador / dominado para iniciar e concluir as abordagens sobre a presença negra no Brasil. Afinal, o que foram e fizeram os negros nas décadas posteriores à abolição da escravidão?” (CUNHA, 1989, p.27). Esta lacuna ainda se encontra presente na formação dos educadores e na sua prática, a orientar a construção de conhecimentos.

É com base nessa valorização do conhecimento que se desenvolve este trabalho, com a preocupação de identificar a relação dos professores no dia a dia da escola e refletir sobre a importância de sua formação, nesse contexto de diferenças.

O problema da pesquisa é assim formulado: **em que aspectos os cursos superiores de licenciatura estariam preparando docentes para uma prática pedagógica com postura profissional não discriminadora, inclusiva e humanizadora?**

É oportuno lembrar que, no limiar do século XXI, o qual se apresenta como um novo paradigma, é necessário olhar o indivíduo como um ser humano na sua totalidade. Portanto, a educação infantil, básica e superior encontram-se na ordem do dia, enquanto construtoras de conhecimento. Nesse sentido a educação terá que ser inclusiva ou não será educação. Ou seja, um fazer educacional que contribua para a transformação da realidade.

O problema levantado neste estudo refere-se á formação de professores a nível superior. Objetiva analisar a interação e a aprendizagem dos alunos negros e quais as condições de interferências do docente diante das situações de preconceito e discriminação. Cabe discutir, portanto, discutir a licenciatura.

O estudo aqui proposto articula-se com a linha de pesquisa Teoria e Prática Pedagógica da Educação Superior, na medida em que reflete o desafio do docente frente à diversidade do cotidiano escolar, num transitar sustentado por pressupostos educacionais, da educação infantil até a educação superior. Visa contribuir para uma ação escolar reflexiva, ativa e responsável, em relação à educação, numa postura inclusiva, que possibilite à pessoa negra participar da sua vida escolar,

com sucesso acadêmico e social, promovendo o acesso e a oportunidade para todos.

Na verdade uma de nossas preocupações é que o maior preconceito pode manifestar-se pela não visibilidade do problema: agir como se ele não existisse. O presente estudo a nosso ver é importante, na medida em que torna visíveis os aspectos desse preconceito.

Analisa também a capacitação dos docentes e comunidade escolar, na medida em que levanta como problema de pesquisa a preocupação da prática pedagógica dos profissionais. Traz como objetivo, ainda, a necessidade de interação com a diversidade e como relacionar criticamente a questão com as situações de preconceito e discriminação em relação à pessoa negra, no contexto social educacional.

“Os responsáveis pela educação são chamados a refletir sobre as mutações resultantes de um novo tipo de circulação das idéias e das pessoas. A Universidade, em particular, deverá redefinir sua ação na nova comunidade humana que emerge.” (CARRIER, 1994, p.13). Uma educação de qualidade reflete o cotidiano da escola numa ação acadêmica comprometida, que leva a alguns questionamentos: Qual escola? Qual Universidade? Para que? Com que qualidade? Qualidade a serviço de quem? Qualidade contra quem?

Para tanto, a reflexão ajuda e ensina docentes, administradores e demais responsáveis pelo processo educativo, a viver dialeticamente, no sentido de varar contradições, superar conflitos, incluir a diversidade, despertar o pensar e o agir em prol da formação integral, unindo teoria e prática. É uma ação interdisciplinar, que pode levar o coletivo escolar à construção de um projeto político pedagógico, num sentido mais amplo.

2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A DIVERSIDADE CULTURAL E A FORMAÇÃO

Um mundo inteiramente ocupado com a universalidade das idéias nos desafia a lançar olhares para os valores humanos fundamentais. Estes incluem a diversidade, seja no campo educacional, social, cultural, ou seja no contexto do cotidiano chamado vida, como orienta a autora: “Ao falarmos em sujeitos sócio culturais, diversidade escolar, estamos dando visibilidade ao fato, pois os seres humanos vivenciam diferentes processos na sua relação com o mundo do trabalho, nas relações sociais e no ambiente escolar”, (DAYRELL, 1996, p. 86).

Enfatizar a necessidade de discutir meios de interagir ensino aprendizagem articular teoria com a prática, cabe ressaltar que a escola ainda é a principal credencial para uma pessoa entender-se como cidadã. Na dinâmica em que ela está inserida socialmente, o professor(a) é o elemento mediador da construção desse conhecimento, podendo inclusive interferir no currículo.

“Currículo é o projeto que preside as atividades educativas escolares, define suas intenções e proporciona guias de ação adequadas e úteis para os professores, que são diretamente responsáveis por sua execução. Para isso, o currículo proporciona informações concretas sobre o que ensinar, quando ensinar, como ensinar e o que, como e quando avaliar”. (COLL, 1996, p. 46).

É necessário portanto rever o processo educativo, tendo como ponto de discussão o conjunto da escola. A educação escolar de qualidade exige também vontade política. Esse é o comentário que em nossos dias vem ocupando largo espaço na mídia, nos movimentos sociais, escolares e etc... Nunca antes na história o pensamento universitário foi tão presente (...) vai exigir um trabalho das mais diversas áreas do conhecimento (...) um esforço multidisciplinar”, (BUARQUE,1994, p. 32).

O cumprimento dessas tarefas supõe a construção participativa de um projeto político pedagógico no qual estejam explícitas as opções da comunidade escolar acerca do tipo de cidadão que deseja ajudar a formar. “É preciso insistir neste saber necessário ao professor- que ensinar não é transmitir conhecimento, não apenas (...)”, (FREIRE, 1997, p. 52).

Naturalmente que tal concepção funda-se na própria natureza da pessoa humana, que enfatiza o caráter pedagógico. “A concepção do ensino que decorre desses conceitos é aquele que percebe o trabalho escolar como sendo a construção do conhecimento, por professores e alunos, a partir do saber acumulado através do tempo” (WACHOWICZ , 1991, p. 3).

Tais considerações evidenciam a preocupação de alguns teóricos compromissados com a formação integral do aluno cidadão. Ressaltam uma educação inclusiva, reflexiva, ativa e responsável, tendo em vista a diversidade

cultural. “O que eu devo fazer para que o negro entre e permaneça na universidade?” (SANTOS, 1994, p. 60).

Para tanto, buscaremos teóricos como NEGRÃO, que relata a preocupação com a formação da docência, a diversidade étnica e também com os livros didáticos. “A não consciência dos professores, com relação ao viés ideológico do conteúdo de livros didáticos, evidencia a distância existente entre o cotidiano do professor e o trabalho acadêmico, (1998, p. 53).

* Por vezes, somos arquivos da educação hereditária elitista excludente. Carregamos o arquétipo regressivo escolar, como preconceito e discriminação cultural, julgando que algumas pessoas, como negros e outras “minorias”, são desprovidas(os) de um rendimento intelectual mais complexo, preferimos excluí-los.

O que falta a certas categorias sócio – culturais, como a população negra e outras, são condições de acesso e, principalmente, de permanência a educação escolar básica até a educação superior. “Lugar da infância é na escola (...)” (FERNANDES, 1997, p. 62). Todos os seres humanos devem ser incluídos na educação escolar e na sociedade, porque todos estão incluídos na mesma razão especificamente humana. “Logo, o processo de constituição da individualidade pode ser favorecido por intermédio de mediações culturais (...)” (LASTÓRIA, 1995, p.154).

Para tanto, o desafio para os cursos de formação universitária e capacitação

de profissionais de educação, é ter que adaptar a realidade acadêmica ao novo educando nesse final de século, de maneira a atender às expectativas de ensino - aprendizagem da chegada do próximo milênio, no sentido da formação integral em prol da construção da cidadania. É necessário “desapassivar” indiferentes e reativar mornos. É preciso ter uma visão ética para ser profissional numa perspectiva mais ampla. “Sou professora a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra, a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais”. (FREIRE, 1996, p. 115).

Assim sendo, o papel do educador(a) é de interação no processo ensino-aprendizagem na busca de uma transformação coletiva. “O professor deverá ter sabedoria, ser aberto para a formação integral do aluno que sempre se apresenta com um conjunto de situações (econômica, históricas pedagógicas, sociais e filosóficas) no seu histórico de vida”. (BEHRENS, 1996, p. 39).

O educador não apenas deve apresentar os conteúdos a serem conhecidos, mas também despertar e acompanhar o interesse do educando no decorrer do processo ensino - aprendizagem, como esclarece o autor,

“... a situação orientadora inicial: é a criação de uma situação motivadora, aguçamento da curiosidade que o aluno traz, colocação clara do assunto, ligação com o conhecimento e a experiência que o aluno traz, proposição de um roteiro de trabalho, formulação de perguntas instigadoras” (LIBÂNEO, 1985, p. 45).

Uma educação significativa e inclusiva deve ser capaz de acolher a diversidade. Para tanto, o docente deve estar atento. Não se trata de conhecer a “

vida íntima” de cada aluno ou membro da comunidade, mas de aprender e se preocupar com suas principais características e colaborar com a construção da auto estima deste aluno-cidadão, como ponto de articulação com o conhecimento a ser transmitido. “Apesar da diversidade cultural de centenas de países pelo mundo, muitos ainda não realizaram sua multiculturalidade nos planos educacionais, econômicos, políticos e sócio- cultural” (COUTINHO, 1996, p. 382).

 Desde dezembro de 1996, a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB), afirma necessidade das adaptações curriculares de um projeto político que atenda à diversidade, como sugerem os temas transversais para que os alunos, sem exceções, desfrutem da igualdade de oportunidade. 

Democratizar as oportunidades, possibilitando que mais alunos permaneçam na escola, que um número maior chegue à Universidade, através das práticas coerentes, de acordo com o conhecimento sistematizado pelo docente; e que os educadores assumam o papel de sujeito. A LDB dá ênfase à formação do educador e os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) enfocam a importância de promover os educadores em sua profissão.

Em relação à prática aceitamos também a posição de KOSIK, ao afirmar que: “A realidade pode ser mudada de modo revolucionário só porque e só na medida em que nós mesmos produzimos a realidade, e na medida em que sabemos que a realidade é produzida por nós”. (1978, p.18).

Podemos ousar dizer que, para vivermos democraticamente em uma sociedade heterogênea, é preciso respeitar e valorizar a diversidade étnica e cultural que a constitui. Por sua formação histórica, a sociedade brasileira é marcada pela presença de diferentes etnias, grupos culturais, descendentes e imigrantes de diversa nacionalidades, religiões e línguas. No que se refere à composição populacional, as regiões brasileiras apresentam diferenças entre si, e cada região é marcada por características culturais próprias, assim como pela convivência interna de grupos diferenciados.

“Na entrada do novo milênio, como forjaremos novas propostas de educação que preservem o melhor e o mais positivo da herança da humanidade? Podemos aprender e incorporar das melhores idéias, práticas e tecnologia que vieram da África, das Américas, Ásia, Austrália e Europa? O que queremos preservar, para a posteridade, da sabedoria e do conhecimento acumulado, gerado nos milhares de anos da experiência humana em cada um dos continentes? (ELEY TEDDA, 1998, p. 01).

Nessa perspectiva, a escola deve ser um local de aprendizagem, onde as regras do espaço público democrático garantam a igualdade, do ponto de vista da cidadania e, ao mesmo tempo, como direito a diversidade. O trabalho com as diferenças etno-culturais se dá assim, a cada instante, propiciando que à escola cooperar na formação e consolidação de uma cultura baseada no respeito aos direitos humanos universais e na cidadania compartilhada por todos os brasileiros.

“Gostaria, por outro lado, de sublinhar a nós mesmos, professores e professoras, a nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente (...) igualmente àquelas e àqueles que se acham em formação para exercê-lo”. (FREIRE, 1996). Essa responsabilidade com a diversidade exige, sobretudo, a

vivência desses princípios democráticos no interior de cada escola, no trabalho cotidiano de buscar a superação de todo e qualquer tipo de preconceito, discriminação e execução social.

“O negro cidadão não é o negro escravo transformado em trabalhador livre”. (IANNI, 1988, p. 239). Nesse sentido, a respeito do lugar que a população negra ocupa no arsenal da educação e ou na sociedade como um todo, é necessário buscar no processo histórico: a luta anti-racista tem evoluído e caminha ao lado da luta pelos direitos humanos. A comunidade negra não quer comemorar a Lei Áurea, mas sim Zumbi dos Palmares, que é um símbolo de resistência há 305 anos, e é, hoje em dia, lembrado pelos movimentos negros.

No calendário escolar, 20 de novembro aparece como dia nacional da consciência negra onde a comunidade negra aproveita para exercitar a cidadania num contexto social mais aprofundado junto à mídia e a instituições de ensino, com informações educativas e sérias no contexto histórico.

“Zumbi organizou a maior resistência negra contra a escravidão quilombo dos palmares em Pernambuco apesar de infinitas tentativa dos governadores da então província, o quilombo cresceu e resistiu durante quase cem anos até 1695 uma nação com 20 mil negros lutando contra o regime selvagem de escravidão” (SANTOS, 1974, p. 37).

Nesse transitar, a educação busca, na história, elementos que justifiquem a função da escola para uma educação de qualidade afim de ajustá-la para recuperar a eficácia do docente e promover a aprendizagem de forma articulada com a sociedade, colocar o cidadão estudante em xeque com a realidade, ajudando-o

transformá-la. Só assim haverá um resgate daquilo que se espera de uma pedagogia de sucesso, preocupada inclusive com a formação continuada dos educadores. Onde os educandos valorizarão com certeza a prática pedagógica que dará sentido a vida:

“Por isso, ao longo de toda a vida o homem guardará uma saudade fiel dos seus professores (...) não deixará de evocar com a homenagem de um reconhecimento retrospectivo o rosto daqueles que foram eles os primeiros sustentáculos da vontade, os guardiões da esperança humana.” (CUSDORF, 1970, p. 09).

Nesse sentido, o tempo de construção da formação não é um tempo passivo, quieto, pois o docente não pode ser tarefeiro, mas terá que ser ativo, com participação significativa e de construção da ação. É oportuno refletir a licenciatura, que haja uma ação educativa intermediada, nesse caso, com alguns docentes articulados com o movimento negro.

Em 1991, em São Paulo, realizou-se o primeiro encontro Nacional de Entidade Negras para discutir e propor alternativas. O objetivo desta reflexão era provocar uma mudança de comportamento em relação à discriminação racial, com mecanismos legais disponíveis e por meio da prática diária assumir a promoção da igualdade como parte do cotidiano. Vejamos a definição de discriminação adotada pelas nações Unidas:

“Discriminação racial significa qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objetivo ou efeito anular ou restringir o reconhecimento, o gozo ou o exercício, em condições de igualdade, dos direitos humanos, e liberdades fundamentais no domínio político, econômico, social e cultural ou em qualquer outro domínio da vida pública”. (Convenção da ONU 1966 sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial).

Estudos que tratam de discriminação sobre gênero e raça no Brasil vêm sendo intensificados desde o anos 80. As estatísticas apresentam uma realidade desfavorável para negros e mulheres, principalmente no mercado de trabalho. Segundo reivindicação de movimento negro nacional, incorporada ao Programa Direitos Humanos, a população negra é constituída por pretos, mulatos e pardos.

Somando-se os dados apresentados nas estatística do IBGE/90 (pretos e pardos), a população negra corresponde a 48% da população brasileira.

De acordo com a pesquisa realizada pela Federação para Assistência Social e Educacional de São Paulo (FASE), em 1988, a possibilidade de uma pessoa negra ingressar na universidade é de 18%, enquanto que para as pessoas brancas é de 43%. Outro dado importante é que, segundo o IBGE, em relação à qualidade de vida da população, o Brasil ocupa a 63ª posição no mundo. Se for levado, em conta somente a população negra, o Brasil fica na 120ª posição mundial. Isso só vem ressaltar a diferença entre os níveis de vida da população branca e da população negra.

O rendimento médio nacional entre negros e brancos, em salários mínimos (IBGE/PNAD, 1990) é de:

Homem branco 6,3	Mulher branca 3,6
Homem negro 2,9	Mulher negra 1,7

As mulheres negras ocupadas em atividade manuais e emprego doméstico, perfazem um total de 79,4%.

Nas demais atividades encontram-se secretárias, recepcionistas, administrativos, científicas, artísticas 5,3%, funcionárias públicas, professoras 7,9%.

Segundo os mesmos dados do IBGE/90 acima citados, a população negra é grande maioria no Brasil: cerca de 48% entre pretos e pardos. E mesmo sendo maioria, continua sendo excluída do mercado de trabalho. Por exemplo, “exige-se boa aparência” . Sua cor pois, é um fator determinante, muitas vezes passando por cima da sua competência e formação. Além disso, quando consegue o emprego, ingressa mais cedo no mercado de trabalho, dada a necessidade histórica de sobrevivência de si e da família. Isso acaba comprometendo o rendimento escolar. Aí surge um círculo vicioso: no processo de seleção para o mercado de trabalho, a escolaridade é um fator determinante a se associar ao desemprego da pessoa negra.

De acordo com um trabalho realizado pelos alunos do Curso de Pedagogia em 1998, da Universidade Católica de Brasília (UCB), normalmente às pessoas negras são gerenciados cargos que não exigem qualificação, sendo a presença da pessoa branca superior à da pessoa negra em posições que requerem especialização.

“O capitalismo pode estar sendo transformado, mas ele ainda existe como maciça força estruturada muitas pessoas podem não pensar e agir de acordo com as formas, preditas por teorias essencializadoras de classe, mas isto não significa que as divisões raciais, sexuais e de classe do trabalho remunerado e do trabalho não remunerado tenham desaparecido; como também não significa que as relações de produção tanto econômica quanto culturais, uma vez que a forma como pensamos sobre essas duas podem ser diferentes possam ser ignoradas se a fazemos de forma não essencializadora.” (APPLE, 1994, p. 191).

Essa reflexão alerta, a nós, educadores, para a perda de nossa memória coletiva.

Nesse sentido DUARTE (1994, p. 32) afirma que “...nunca antes na história o pensamento universitário foi tão presente, nunca antes a população de professores, acadêmicos, alunos e egressos representou uma parcela tão importante da população”.

Podemos, logo, perceber que o papel da Universidade na formação de cidadãos, para além dos muros das escolas, ou seja, conteúdos mais articulados com a sociedade atual e, é decisivo no transitar da formação dos profissionais. Essa capacitação de docentes e educandos deve visar a interação com a diversidade cultural no cotidiano. É a visão interativa com a realidade, já abordada na primeira parte deste trabalho e que transcorrerá durante todo este estudo: unir a teoria com a prática. “A experiência é o que está, aqui e agora, pedindo para ser visto, falado, pensado e feito”. (CHAUÍ, 1987, p. 270).

Ou seja, se não formos capazes de olhar para além da nossa “caverna”, se não nos perguntarmos pelo que está fora dela, se não dialogarmos com o diferente de nós, também não seremos capazes de descobrir aquilo de que necessitamos

a necessidade do educador perceber toda essa dinâmica da sociedade e trazer tais informações para a sala de aula, a fim de contribuir para com a formação integral do sujeito, visando a plena realização dos direitos humanos, à partir da mediação da escola, cujo papel é a construção do conhecimento. Sem dúvida, conforme descreve Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém. Ninguém se educa sozinho. Nós nos educamos naturalmente mediatizados pelo mundo” (1996, p. 85)

A escola é sempre um reflexo da sociedade na qual está inserida. E por conseguinte, deve incluir a diversidade cultural, isto é, quer dizer uma leitura didática dos costumes e das etnias na organização social, política, econômica, educacional.

✂ A escola ainda contribui para a exclusão, porque as estruturas sociais mais fortes organizam-se para privilegiar grupos e pessoas. As escolas poderão desenvolver um papel tão importante quanto os meios de comunicação ou mais na compreensão da realidade, na busca de posicionamento, na denúncia e no anúncio sobre as questões de uma sociedade mais inclusiva. “As regras do mundo estão mudando. É hora de fazer com que as regras do ensino e do trabalho docente variem com elas” (ANDY, 1996, p. 53).

Todos os dias verificamos que fechar a porta da sala de aula já não é suficiente para nos preservar dos afazeres do mundo exterior. A mudança está dentro das escolas e das salas de aula, pondo em desafio o sentido próprio da experiência pedagógica da docência. Daí perguntamos como transformar a escola

moderna, concebida há trezentos anos, em uma instituição que responda às necessidades de um mundo globalizado cujas demandas de formação mudam constantemente?

São essas e muitas mais as perguntas aqui e em todo o planeta. É necessário buscar as respostas, em relação à questão racial negra. A partir do quadro das relações raciais que Gilberto Freire, que forneceu ao Brasil e ao mundo, um quadro das relações raciais, difundindo não apenas entre a maioria da elite branca, como também entre muitos negros, temos hoje, vinte anos após Freire, uma nova geração de cientistas sociais que chegaram a conclusões diferentes das dele, contribuindo para a destruição do mito da democracia racial.

“O mito contribui para os problemas raciais, o caráter paternalista das relações de classes e das relações entre brancas e pessoas de cor, dando lugar a condescendência de uma parte e conformidade de outra (...) é camuflada a realidade, com a ideologia da não – discriminação, de que o Brasil alcança, sem tensões, os mesmos resultados que outras sociedades abertamente racistas,” (AZEVEDO, 1995).

Observa-se que na formação de professores, mesmo à beira da virada de um novo milênio, teoria e prática ainda deixam a desejar. Em geral a escola continua reafirmando conceitos que fortalecem mais uma visão do colonizador. Educar, para quê? É uma pergunta bem atual para a escola para mundo. É uma questão que nos convida a pensar em um projeto que dê sentido à educação.

É uma necessidade emergente, no tempo em que vivemos, perguntar para que educar? Tempo de relevância da diversidade, da alteridade, da

individualidade. Hoje convivemos com o desencanto, com a imposição dos fatos e com a desconstrução de tudo aquilo que parece de alguma forma coerência ou sentido.

Estamos ouvindo, cada vez mais, a palavra liberdade, que hoje virou sinônimo de “ privatização,” voltada para garantir a posse de bens. É bom lembrar que a liberdade foi sempre uma busca do homem e da mulher em momentos diferentes da história da humanidade. Cada tempo manifesta uma razão de ser da liberdade. Mas o que é liberdade? O que significa ser livre, numa sociedade tão desigual?

Ainda em relação ao exercício da cidadania, busca-se acesso igual para todas as pessoas independente de raça, cor, ou classe social.

“E dada a falsidade da relação de dominação entre a teoria e a prática, não poderíamos esperar que a escola, instituição legitimadora e produtora desse tipo de dominação, pudesse ter encarado a transmissão do conhecimento de uma forma diversa daqueles que impedem a autonomia intelectual e a produção de um conhecimento verdadeiro e, por isso, libertador. (GIUSTA, 1985 : 28).

Porém o interesse pelas questões sociais de uma educação mais interativa já está sendo vivenciado por parte de alguns estudantes e educadores contemporâneos, em busca da prática e vivência de valores fundamentais.

Em outubro de 1999, reuniram-se em Salvador estudantes e professores negros e não negros para realizarem o 1º Seminário Internacional de Educação e Exclusão Racial. Foi um transitar de discussões e informações em relação aos

conteúdos dos livros didáticos e à prática pedagógica objetivando a inclusão da diversidade. Partiu-se do pressuposto de “inclusão e permanência de mais alunos negros na escola, em todos os níveis da Educação, da Infantil à Universidade.” Outro tema abordado foi o de como elevar a auto-estima das pessoas negras. Havia, naquela assembléia, várias lideranças dos movimentos negros e pesquisadores em relação ao racismo.

Na mesma semana aconteceu, na Universidade Federal do Rio de Janeiro o II Encontro Nacional de Entidades Negras, organizado pela Vice-Governadora Benedita da Silva e sua equipe. Foi tratado, a necessidade da inclusão da pessoa negra à sociedade e a questão dos direitos fundamentais.

“Quando tu encontras uma barreira, um obstáculo tu tens que permanecer ali para vencer aquele obstáculo. Tu não vais fugir a vida inteira do racismo, tu não vais fugir a vida inteira das discriminações. Tu tens que ficar ali, enfrentar e trabalhar, mostrar que também tens os mesmos direitos de ocupar as mesmas posições que outros colegas”, (GESSIS, 1999).

Como obter, então, uma educação que contribua com a diversidade, tendo como base o acesso e a oportunidade para todos, visando uma formação do cidadão para um mundo em mudança? A resposta parece ser de que é a educação, o conteúdo, a metodologia, a avaliação, enfim a prática educativa da escola deverão estar ligada à realidade do educando, como já ressaltamos anteriormente, e orienta o autor que o

“processo e o modo de educar, valorizando as diversas heranças culturais e sociais de uma nação e suas relações umas com as outras, na construção da convivência pacífica dentro e fora do país, em respeitar os direitos humanos e a diversidade, e que promovam a identidade

cultural, a cidadania e a melhoria da qualidade de vida” (COUTINHO,1995, p. 110)

Dada esta orientação, independente dessa ou daquela realidade, é um dever político do profissional da escola desempenhar sua função com qualidade, reconhecendo o direito das classes menos favorecidas. Sabendo que adotar essa forma de abordagem exige da Universidade, e das Escolas como um todo, ajustes pedagógicos e clareza de seus objetivos frente aos profissionais que pretendem formar. Cabe ressaltar que a sociedade, bem como a escola, estão em processo de transformação e, nesse processo, novos valores surgem, enquanto outros são derrubados. Contudo, essa substituição há que ser refletida, discutida, na busca de um projeto político pedagógico interativo com a realidade.

“Sem dúvida, quando uma nação é grande é boa também a sua escola, não há nação grande alguma, se a sua escola não for boa. E o mesmo se poderá dizer de sua religião, de sua política, de sua economia e de outras mil coisas.”(ORTEGA, 1946, p.21). Para tanto, os estudantes necessitam de uma boa injeção de otimismo e perspectiva de estudos, de encontro com a realidade para enfrentar os desafios do cotidiano, e em conjunto com familiares, educadores, gestores comprometidos com a mediação para construção do conhecimento. Dada a diversidade cultural, é preciso abrir caminhos, espaço de discussão, propor alternativas, para promover o acesso e a oportunidade para todas as raças, classes... E a escola, como formadora de opinião, pode contribuir com o avanço de uma educação mais inclusiva, reafirmar a indicação da ONU em relação aos direitos humanos, à necessidade de se dar atenção a questões como a “eliminação de todas as forma de discriminação, preconceito e racismo.”

É importante colocar que utilizamos com muita freqüência os termos preconceito, discriminação, racismo. Faz-se necessário um esclarecimento do significado das palavras, para que o seu uso se dê de forma bem adequada. Do ponto de vista etimológico, podemos observar que a palavra preconceito significa um pré - julgamento, uma maneira de se chegar a uma conclusão antes de qualquer análise. O preconceito, pré + conceito, o praeconceptu latino, um julgamento prévio, posição irrefletida, preconcebida. Também pode ser entendida como pré + juízo. Em espanhol diz-se perjuicio; em francês, prejudé; em inglês, prejudice.

O preconceito é uma atitude, um fenômeno intergrupar, dirigido à pessoa ou grupo de pessoas, implica uma predisposição negativa, sempre contra alguém, ou seja, é sempre ruim. "O preconceito é uma atitude que viola, simultaneamente, no mínimo, três normas básicas: a norma da racionalidade, a da afeição humana e a da justiça. Assim, é muito mais do que um pré julgamento ou simplesmente intolerância" (BENTO, 1999).

Portanto, o preconceito é uma violação desses preceitos, pois consiste em uma proposição negativa, hostil, frente a outro ser humano, em função de sua cor, religião, cultura e/ou posição social...

O preconceito não se confunde com a discriminação. O preconceito legitima a discriminação. A discriminação gera preconceito.

encurtar os caminhos dizendo que a educação escolar é a solução para problemas que hoje são colocados para os educadores e para o mundo em que vivemos, mas é, pelo menos, entender que por meio da educação escolar podemos abrir as portas para a construção que desejamos de uma visão humanizadora. Provocar uma mudança de postura.

“Um dos grandes méritos deste século, sem dúvida, é o fato de os homens terem despertado para a consciência da importância da educação como necessidade preeminente, para viver em plenitude como pessoa e com cidadão envolvido na sociedade. Pensar na educação, implica refletir sobre os paradigmas que caracterizaram o século XX, e sobre a projeção das mudanças, paradigmáticas no século XXI”, (BEHRENS, 1999, p. 17).

É preciso portanto entender o nosso tempo, para definirmos a direção que desejamos seguir. E para compreender a dinâmica da escola, a direção e equipe, deverão acompanhar mais de perto os docentes a partir de sua formação acadêmica, estimulando a formação continuada, numa visão mais interdisciplinar. É preciso transitar nesse cotidiano de sala de aula. É preciso querer, e muito, uma postura de ensino e aprendizagem, numa visão inclusiva transformadora.

“Ensinar é uma especificidade humana, que possibilidades de expressar-se, de crescer, vem tendo a minha curiosidade? Creio que uma das qualidades essencial que a autoridade docente democrática deve revelar em sua relações com as liberdades dos alunos é a segurança em si mesma”, (FREIRE, 1996, p.102). Assim as teorias aprendidas na escola supõem ajudar a ler o mundo e produzir novos conhecimentos que possam contribuir com o bem comum da população, por que não? As novas tecnologias estão aí fazendo parte do novo tempo e é

“A discriminação é um conceito mais amplo e dinâmico e possibilita que o enfoque seja do agente discriminador para o objeto da discriminação. Pode ser provocada por indivíduos e por instituições. Pode ser analisada sob a ótica do receptor. Ela é provocada por preconceito ou motivada por interesse de manter privilégios” (BENTO, 1992). Aceita-se, geralmente sem muito debate, que a discriminação seria fruto do preconceito. Quanto ao racismo, recorro aos seguintes conceitos:

“Racismo é uma ideologia, uma estrutura e um processo pelo qual grupos específicos, com base em características biológicas e culturais verdadeiras ou atribuídas, são percebidas como uma raça ou grupo étnico imensamente diferente e inferior. Tais diferenças são, em seguida, utilizadas como fundamento lógico para se excluírem os membros desses grupos de acesso a recursos materiais e não materiais” (ESSED, 1995).

Como efeito, o racismo sempre envolve o conflito de grupo a respeito de recursos culturais, educacionais, materiais, enfim, sociais numa relação mais ampla.

“Ele opera por meio de regras práticas e percepções individuais, mas, por definição, não é uma característica de indivíduos. Portanto, combater o racismo não significa lutar com indivíduos, mas se opor às práticas e ideologias pelas quais o racismo opera através das relações culturais e sociais” (ESSED, 1995). Temos, assim, uma crise generalizada na história da humanidade, em se tratando dos conceitos na luta pela igualdade de oportunidade e que leva à necessidade de repensar as idéias teóricas e as práticas educacionais.

A educação é a saída, eis uma afirmação cotidiana. Dizer isso não significa

necessário perceber que somos parte desta mudança e que somos capazes de realimentar o sentido da vida, a nossa ação pedagógica.

3 - METODOLOGIA

“Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade”. (FREIRE, 1996).

A pesquisa é etnográfica, na medida em que estamos preocupados em desenvolver um trabalho articulado com a teoria e a experiência do cotidiano de sala de aula: levantar considerações e tentar mostrar como ocorre a mediação ensino-aprendizagem entre educadores e educando, tendo em vista a diversidade racial no cotidiano escolar. O que se requer do docente é a capacidade de abstração, relação interpessoal e leitura reflexiva do mundo, interagindo com a ação didático-pedagógica, ligadas ao contexto social, bem como preocupar-se com a veracidade dos fatos e dar visibilidade às diversas culturas na utilização responsável dos instrumentos científicos, com base na construção do conhecimento e na formação integral de cada ser humano, seja ele negro ou não. E os docentes poderão contribuir com essa formação, a partir da escola, que é um espaço privilegiado?

Frente à importância do educador, esta pesquisa preocupa-se com qual indivíduo formar, para que, e a serviço de quem? O desafio está na busca de qualidade necessária, num contexto significativo. Nesse sentido, realizamos, em abril e maio do corrente ano, o presente estudo entre profissionais em exercício, que têm formação universitária e com experiência de atuação na educação básica,

ensino médio e superior. Consideramos as seguintes etapas:

- a) Questionário para os docentes. (Anexo I)
- b) Questionário para a equipe técnico-pedagógica. (Anexo II)
- c) Entrevista com uma liderança do movimento negro que é professor em Curitiba. (Anexo III)
- d) Participação num grupo de estudos de professores e alunos sobre a questão racial, fotos. (Anexo IV)
- e) E contato com as pessoas ligadas à construção da escola alternativa KANAOMBO, fotos. (Anexo V)
- f) Contatos nacionais, com pesquisadores e lideranças negras e não negras, fotos. (Anexo VI)
- g) Relação dos movimentos negros no Brasil, ligados ao trabalho educacional a nível de formação nas universidades. (Anexo VII)
- h) Notícias de jornais. (Anexo VIII)
- i) Dados estatísticos. (Anexo IX)

A pesquisa qualitativa e etnográfica vem de encontro com a perspectiva desse projeto, visto que, de acordo com os estudos de ANDRÉ: o foco de interesse dos etnógrafos é a descrição da cultura (prática, hábitos, crença, valores, linguagens, significados) de um grupo social, enquanto que a preocupação central dos estudos da educação é com o processo educativo. (1995, p. 28). A aplicação da teoria etnográfica às questões educacionais é a base para nosso estudo.

Foram aplicados questionários a oito professores (100%) em exercício no

Colégio Estadual Teotônio Vilela 1.º e 2.º Grau e que, ao mesmo tempo, são professores de Ensino Superior.

Esses questionários tiveram a finalidade de perceber como está ocorrendo o processo de interação das relações no cotidiano escolar.

Também foi aplicado um questionário ao corpo diretor e técnico-administrativo com a finalidade de contextualizar o trabalho do professor. E foi realizada uma entrevista com um representante do movimento negro de Curitiba, que tem respaldo a nível nacional. A referida entrevista teve como intuito referenciar o tema estudado. Em uma das perguntas focalizou a formação da pessoas negra e o acesso ao mercado de trabalho. Anexo III.

A utilização de instrumentos tais como a entrevista e o questionário, foi para subsidiar o estudo e estabelecer um processo pedagógico, bem como buscar mais informações , através de contatos em Curitiba, junto à A.P.P Sindicato, ao Movimento Negro Centros de Estudos Negros de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Florianópolis. Os contatos foram feitos através de telefone, correspondência, participação de cursos e acompanhados de visitas, conforme fotos em anexo, no decorrer do trabalho.

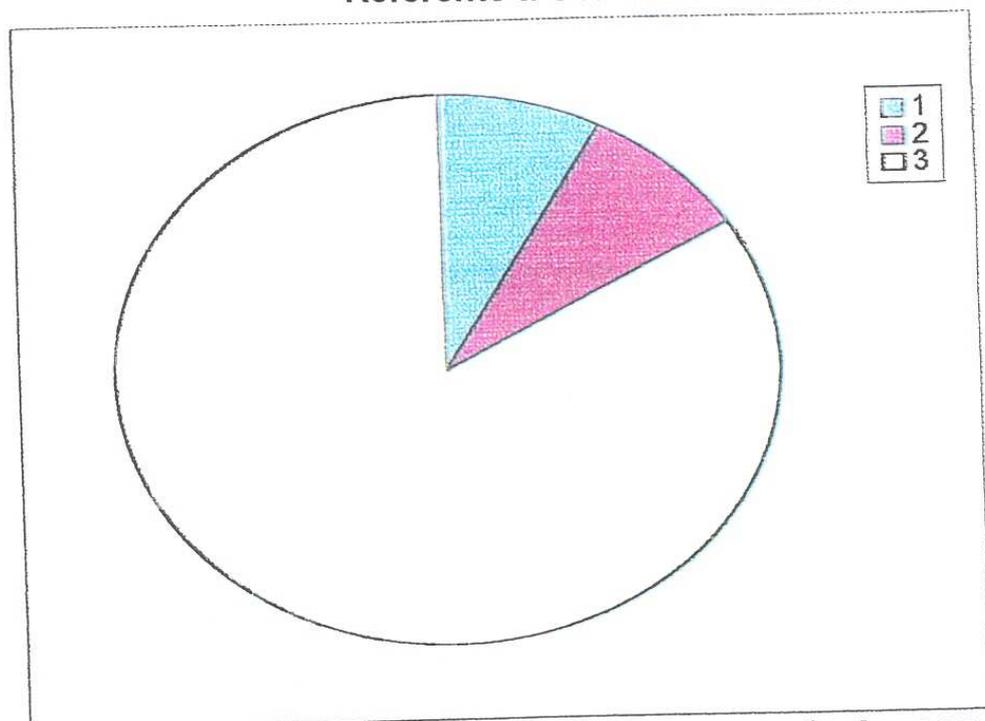
O questionário foi constituído de perguntas abertas que, segundo os sujeitos pesquisados, contribuíram para as respostas. Estas foram colocadas em gráficos, no que se referem ao quesito cor dos professores e alunos da escola. As

demais foram interpretadas de acordo com uma análise qualitativa. O questionário, na íntegra, encontra-se no anexo 1.º e 2.º. As questões serão descritas e interpretadas através de dados comparativos.

“Ensinar exige apreensão da realidade.”

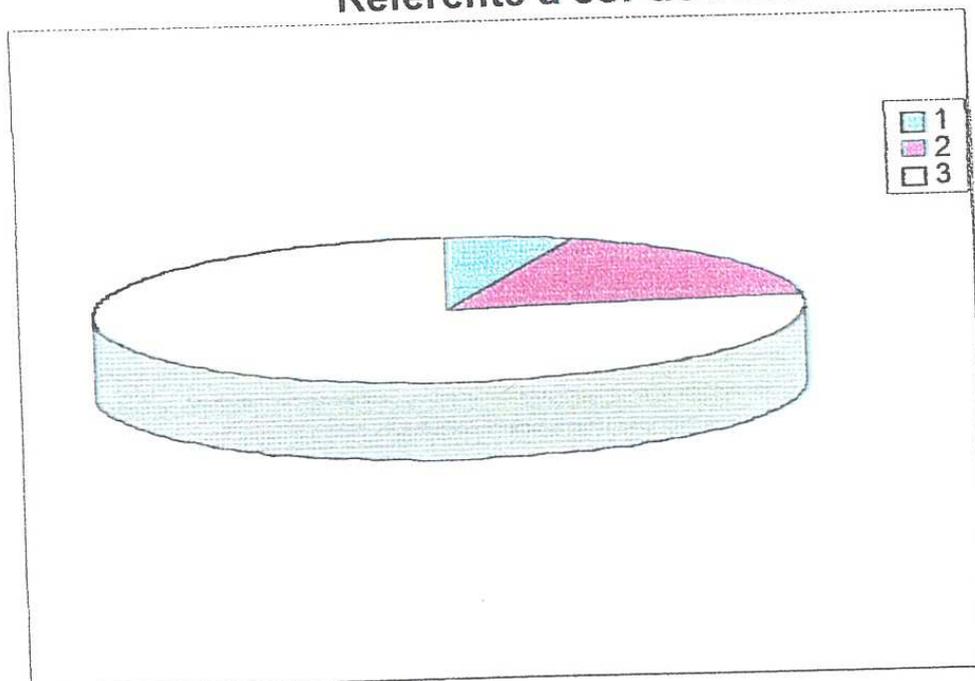
(PAULO FREIRE,1996 p.76)

Referente a Cor dos Profissionais



7% negros
10% mestiços
83% brancos

Referente a cor dos estudantes



13% negros
29% mestiços
58% brancos

Observação: O importante que a representação gráfica tentou relacionar a comparação e o contraste entre os profissionais e os estudantes de acordo com a cor respondida pelos entrevistados na amostragem da pesquisa. Dados estes que possibilitou a visibilidade da pessoa de cor na escola. Porém, constatou que deixa muito a desejar, no que concerne a presença mais ativa da raça negra no cotidiano da escola.

CAPÍTULO II

4 – O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Professor(a) você é de alto significado, pois é um fator decisivo no progresso e na formação humana.

Os resultados deste trabalho foram obtidos por meio da interpretação dos dados fornecidos pelas escolas de Ensino Fundamental e Médio, com professores que atuam também na Universidade, dados estes, por sua vez coletados por meio da pesquisa de campo exploratória. As respostas foram referentes às seguintes questões:

- A diversidade cultural e a predominância da situação de preconceito que levam à exclusão da pessoa negra da escola, caso o docente não tenha uma postura inclusiva.
- A preparação do docente nos cursos de Licenciatura, para atuar com a diversidade.
- A questão da interdisciplinaridade como meio para buscar e dar conta dos desafios deste cotidiano.
- A formação continuada do docente como foco de apoio.

A interação dos docentes e educandos, numa relação de ensino e aprendizagem, é um fator determinante para construir coletivamente um cotidiano escolar longe de preconceitos e discriminação racial. Cabe colocar que este estudo, do ponto de vista qualitativo de análise, buscou entender as relações entre os indivíduos no contexto em vista, bem como investigar uma prática pedagógica transformadora que atenda todas as etnias. “A escola certamente não desaparecerá, mas precisa modificar a sua abordagem pedagógica e didática” (JULIATTO, 1997, p.8)

Ao analisar os dados respondidos pelos docentes, referentes a sua formação, observou-se que a maioria das respostas foram que a Universidade encontra-se ainda bastante distante da prática.

A graduação, na maioria das vezes, só fornece teoria. “A forma de tratar os alunos aprendemos na prática, todos os dias. (Colocação feita por umas das professoras de Português). As respostas fornecidas pelos entrevistados em relação à formação acadêmica foram: 79% dizem que a “teoria encontra-se distante da prática e com esta realidade dificulta uma ação pedagógica criativa”, (21% dos professores colocaram que a Universidade contribuiu com sua formação). “Estão tentando fazer o possível para seus alunos, partindo das possibilidades”.

Dessa forma nota-se que a formação para a maioria dos entrevistados não é só da escola e sim está distante da teoria e da prática, que é uma realidade da educação brasileira, pois a formação está ocorrendo é na prática. A teoria da Universidade é, ainda, apenas pano de fundo, como foi na formação acadêmica

da maioria dos docentes.

Continuando a análise, em relação à formação dos docentes foi possível perceber que a educação é, em si, mais um fator humano do que uma decisão e uma tarefa profissional. É resposta imediata, espontânea para os desafios da vida do cotidiano em contradição. Como se inserem professores e escolas no contexto maior de educação e que tarefas se atribuem a cada um deles? Claro que as respostas a tais perguntas têm que ser situadas historicamente. Uma é a escola egípcia, outra a grega, a medieval, a moderna. Estamos nos situando na perspectiva do mundo ocidental, aquele que afunda suas raízes nas civilização que viveu em torno do Mediterrâneo e que passou pelo impacto da influência greco-romano-cristã configurando-se como mundo da civilização moderna ocidental.

Nesse mundo a escola, e nela os professores, são chamados a que, hoje? É a essa pergunta que precisamos responder. Porque nesse mundo vivem-se momentos de transformações radicais (buscando compreender na sua raiz) como já foi mencionado. O fato é que atravessamos momentos de grandes contradições, a tal ponto que somos levados a um questionamento sobre os próprios valores éticos e morais que estiveram, até então, alicerçando a humanidade.

E as respostas contendo os dados da pesquisa foram agrupadas por assunto, constituindo cada um deles os itens a seguir:

4.1 A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA DAR VISIBILIDADE À DIVERSIDADE DOS SUJEITOS NAS RELAÇÕES SOCIAIS E NO AMBIENTE ESCOLAR

As questões foram apresentados aos docentes e aos funcionários em questionários aplicados, (Anexo I e II).

A preocupação quanto à importância da escola, dar visibilidade à diversidade dos sujeitos nas relações sociais e no ambiente escolar, implica um repensar da prática pedagógica como um todo, tendo em vista a continuidade necessária da formação de cada docente. Vamos observar a tabela abaixo, em relação às respostas obtidas, em se tratando da diversidade do cotidiano escolar.

A pergunta 1 e 2 no questionário destinado aos docentes e à equipe técnico-pedagógica, teve os seguintes resultados:

O Curso de licenciatura contribuiu na sua formação. Em relação à diversidade do cotidiano escolar?

		Contribui	Não Contribuiu
Docente	100%	30%	70%
Equipe	100%	30%	65%

Estes dados comprovam a necessidade de um investimento mais qualitativo das Universidades junto à formação dos professores.

Colocação de um dos Docentes: “ Parece que a Universidade é um castelo cercado de jardins e envolta em nuvens, fora da realidade. Acabei tendo problemas nos estágio justamente porque a realidade dentro de uma Universidade é uma, e fora dela é outro.”

Nesse sentido cabe ressaltar a importância da interação da teoria com a prática e a necessidade de um currículo que corresponda a tal realidade. Conforme afirma COLL (1996, p. 45). “Para isso, o currículo proporciona informações concreta sobre o que ensinar, quando ensinar”.

A EDUCAÇÃO ESCOLAR, SEM A VERDADEIRA HISTÓRIA DA POPULAÇÃO NEGRA, É CRIME DE OMISSÃO

A perspectiva de resgatar através da educação, a realidade do ensino/aprendizagem da pessoa negra justifica essa pesquisa. O docente é o elemento principal na formação do estudante, na construção do conhecimento.

Nas respostas obtidas pelos professores em relação à licenciatura, isto é, se ela oferece informações adequadas em relação à diversidade do cotidiano escolar,

a maioria dos professores responderam que “ deixou a desejar.”

Nesse sentido, podemos afirmar que a escola ainda se encontra distante em relação à realidade da prática de sala de aula. “Cada pessoa tem características próprias e diferentes modos de ser e de pensar, capacidades, valores, comportamentos etc...”, (AQUINO, 1998, p. 54).

Para tanto, é necessário que a Universidade avance no sentido de colaborar com a diversidade racial, incluindo conteúdos voltados às diferenças do cotidiano escolar, sendo ela formadora de formadores. Numa formação inicial mais adequada, o docente buscará meios para uma educação mais inclusiva, seguindo com a formação no processo de ensino e aprendizagem.

4.2 NO DECORRER DA GRADUAÇÃO HOUVE PREOCUPAÇÃO EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO, AO MULTICULTURALISMO E ÀS RELAÇÕES RACIAIS ?

Os docentes foram unânimes ao responder que não receberam informações suficientes em relação ao multiculturalismo. Ficou confirmado através da pesquisa de campo que a graduação ainda se encontra aquém da realidade, no que diz respeito à distância entre teoria e prática, em se tratando da L.D.B. e dos parâmetros curriculares, que afirmam que a educação de qualidade é um direito de

todos, sem exceção, e que cada aluno deve desfrutar da igualdade de oportunidade. "O processo é o modo de educar, é valorizar as diversas heranças culturais de uma relação e sua reação umas com as outras"... (CONTINHO, 1995).

De acordo com esta orientação ao pensar em educação constatamos o enorme despreparo da escola brasileira para lidar com a realidade multirracial. A manifestação do preconceito e da discriminação racial no cotidiano da sala de aula pode ocorrer na educação infantil, no ensino médio e na Universidade. Os docentes silenciam diante do fato e tudo isso reflete a gravidade do problema que leva ao racismo. E a escola silencia, com uma prática, na maioria das vezes, indiferente.

As propostas pedagógicas em vigor ainda não examinam, com nitidez e profundidade, as estatísticas oficiais que, já no censo de 1980, revelaram que são os negros e mestiços que encontram maiores dificuldades, tanto para ingressarem no sistema formal de ensino como para concluírem os oitos anos de ensino obrigatório.

A CULTURA E O UNIVERSO ESCOLAR

"O conceito de cultura, definido em seu sentido antropológico amplo, denota todo o modo de vida de uma sociedade, incluindo-se aí, toda a produção e reprodução das idéias (significado e valores), como a produção e reprodução dos objetos materiais." (LASTÒRIA, 1995, p. 12)

Nessa movimentação das idéias cabe ressaltar aqui a ação ativa de cada docente. O campo escolar cotidianamente troca mensagens e elas são enviadas,

não por um grupo clandestino de conspiradores, ou planejados por algum intelectual isolado do campo científico. A questão cultural às vezes é passada desarticulada da prática dos conteúdos escolares. A construção daquilo que somos e daquilo que acreditamos não pode ser separada das ações do cotidiano. Na diversidade étnica-cultural, algumas pessoas já conseguem perceber no dia a dia da escola a intenção manipuladora dos meios de comunicação social de alguns conteúdos dos livros didáticos e outros instrumentos de comunicação.. Alguns professores já conseguem ter uma interferência crítica contra o autoritarismo dessas mensagens excludentes.

Para STACCONE, “o papel do intelectual é de fundamental importância na transformação social (...)” (1987, p. 18). Portanto cabe ao intelectual da educação perceber a necessidade de mudança e trabalhar com a finalidade de ensinar num sentido mais amplo, para uma nova sociedade.

Numa visão integral de cada indivíduo, o educador deve aproveitar a diversidade cultural para contribuir na formação de pessoas mais comprometidas com a sociedade. Apesar que os cursos de licenciatura continuam deixando muito a desejar, conforme foi possível observar durante entrevistas com profissionais da escola.

4.3 OPINIÃO DOS DOCENTES EM RELAÇÃO À DISCRIMINAÇÃO E O PRECONCEITO RACIAL ÉTNICO

Na opinião dos entrevistados, 80% colocaram que existe preconceito. Sendo que 20% afirmaram que não.

Afirmaram que existe	80%
Afirmaram que não existe	20%

Veja respostas de um dos entrevistados:

“A discriminação racial étnica existe por preconceito e o preconceito por ignorância, falta de cultura. A sociedade e a população em geral há muito tempo reproduz em essa discriminação, quando o correto seria a conscientização, aceitando e respeitando as diferenças, já que todos são humanos.”

Podemos fazer a leitura mostrando que a ótica tradicional focaliza a discriminação como mais individualista do que a perspectiva institucional e mais complexa, pois acentua o caráter rotineiro e contínuo, aberto ou encoberto da discriminação. Isto significa um desafio para aqueles que trabalham com a questão. Podemos citar, como exemplo, o teste de seleção de pessoal, uma carta de formação de anúncio no jornal, dando preferência a um grupo ou segmento da população.

Um dos efeitos mais sinistros da ideologia racial é a pouca ou nenhuma percepção das vítimas do racismo, pois vigora uma ideologia nacional de harmonia e tolerância racial. “Negro cidadão é apenas o negro que não é mais juridicamente escravo” (IANNI, 1988, p. 23). Octavio Ianni é um dos maiores críticos dessa postura ideológica nacional, em relação a pessoa negra.

Diante desta colocação, as respostas dos entrevistados vêm de encontro à necessidade de resgatar os direitos humanos no dia a dia da escola. Sabe-se que a escola enfrenta hoje um momento especialmente crítico. Assistimos a uma crise da escola, dadas as mudanças de paradigmas. Nesta perspectiva afirmamos a luta por estabelecer, na consciência dos sujeitos o compromisso com a promoção dos Direitos Humanos, que passa obrigatoriamente pela educação. “No novo paradigma, o universo passaria a caracterizar-se pela percepção do mundo vivo como uma rede de relações” (BEHRENS, 1999, p. 37).

A idéia é propiciar uma articulação de uma prática pedagógica significativa que dê possibilidade de realização transformadora e que supere o viés reprodutivista. Exigir-se-á uma nova postura dos docentes. Para tanto, a equipe de docentes terá que reelaborar conhecimentos e construí-los em conjunto com seus educandos. “ Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes, sem o que a escuta não se pode dar. Se discrimino o menino ou a menina pobre, a menina negra, o índio, a mulher (...) (FREIRE, 1996, p. 136) – então não escuto.

Neste contexto os docentes, bem como a comunidade escolar, são chamados a refletir sua prática pedagógica, e rever concepções. Se elas forem conservadoras, certamente virão reforçar as desigualdades sociais, raciais e a divisão entre o trabalho intelectual e o braçal.

Cabe portanto escutar e interferir no processo, bem como propiciar a igualdade de oportunidades na busca das conquistas pela vida.

4.4 A ESCOLA EM RELAÇÃO À SOCIEDADE E AO MERCADO DE TRABALHO

No que se refere às mudanças da escola em relação ao mercado de trabalho, 60% colocaram que sim, sendo que 30% parcialmente e 10% colocaram que não.

A partir de sua vivência, você acha que a escola, em relação à sociedade e ao mercado de trabalho, está mudando? As colocações foram direcionadas para a necessidade de mudanças.

Segue a colocação dos docentes:

“Acredito que as escolas estão sendo obrigadas a mudar. Hoje é preciso

preparar o aluno para a vida, ou seja, o conhecimento adquirido na escola. Deve servir para a transformação da realidade, buscar soluções cotidianas para o momento”.

A interpretação que podemos fazer é a seguinte: a mudança da escola é inevitável para um encontro com o cotidiano do educando. O coletivo da escola deve buscar o processo de mediação com seus estudantes, visar uma formação para o contexto social rumo ao novo milênio. As escolas contribuirão para a construção de uma sociedade estruturalmente mais inclusiva, tendo descoberto a relação do fazer pedagógico com a sociedade global. Os gestores investiram na transformação das estruturas educacionais para que elas possibilitem, pelo menos, a reflexão sobre o que está acontecendo no processo social global. No sentido, mais amplo, o docente terá que preocupar-se com uma ação interdisciplinar inteiramente mediada com a formação do cidadão para o exercício da cidadania. Nesse sentido as escolas têm mais importância pela clientela que reúnem e que terão papel decisivo nesta transformação e na mudança de postura ao encontro de novos paradigmas. “Esta transformação, exigida pela mudança de paradigma, instiga os meios acadêmicos a buscar recursos materiais e humanos que subsidiem um ensino compatível com as necessidades e exigências da sociedade moderna” (BEHRENS, 1996, p.73).

Assistimos, hoje, a uma crise de modelos, a qual nos lança num mundo de dúvidas e de incertezas devido à rapidez com que as inovações tecnológicas se processam, com uma revolução no campo da educação, economia, cultura, religião,

enfim, nas relações do homem e da mulher consigo e com as outras pessoas , gerando um mar de receios e de inseguranças quanto ao futuro que nos espera e que está a bater em nossa porta.

Essa “revolução” pela qual passa a sociedade moderna traz seu âmago o germe da crise da razão ou, pelos menos, de uma certa razão iluminista, que há cerca de dois séculos fez ruir toda uma concepção prevalecente de mundo, fundada na supervalorização da razão humana. “Sempre recusei o fatalismo, prefiro a rebeldia que me confirma como gente e que jamais deixou de provar que o ser humano é maior do que os mecanicismos que o minimizam” (FREIRE, 1996, p. 130).

Assim podemos afirmar que a educação, partindo também da opinião dos entrevistados, exige mudanças que vêm de encontro a postura dos docentes, no interior de sala de aula. Pode-se ousar observar que, no atual momento, a terceira revolução industrial, engendrada pelos significativos avanços das forças produtivas e que tem na ciência e na tecnologia o seu mais importante meio de produção dos bens e serviços, terá reflexos que se fazem sentir na cultura, nas práticas sociais, na relação de poder e de modo específico na produção e disseminação do conhecimento.

Neste sentido, a educação transformadora prepara indivíduos também no plano ético. Não se deve estudar e nem avançar tecnologicamente para excluir e sim para incluir e transformar. Caso contrário, alguns continuarão a se esconder por trás de altas grades, para evitar os excluídos. Os outros são eles mesmos!

É necessário, portanto, quebrar os muitos meios que geram exclusão! E a educação, enquanto escola como coletivo pensante e de formação, pode e deve caracterizar a mudança a partir dos valores éticos fundamentais.

Observe-se a tabela, na sequência.

A distribuição das opiniões em relação à mudança da escola, diante do mercado de trabalho.

A partir de sua vivência, você acha que a escola, em relação à sociedade e ao mercado de trabalho, está mudando?

Docente		Equipe Tec. Pedagógica	
Opinião	Porcentagens	Opinião	Porcentagens
SIM	70%	SIM	80%
NÃO	30%	NÃO	20%

Diante desses dados, a análise feita inicialmente é que a escola, na opinião dos entrevistados realmente esta sendo obrigada a mudar. Com a identificação a partir das respostas genéricas, mas que apontaram a exigência de mudança, visto que o mercado requer profissionais com uma visão do todo, é que a escola deve preocupar-se em avançar, tendo em vista a diversidade relacional do cotidiano.

Caso contrário, será uma escola de formação para poucos: preconceituosa e excludente.

A esse movimento de passagem do preconceito no senso comum social e dominação política, Marx deu o nome de ideologia, indo buscar sua causa mais abaixo das paixões, do medo e da esperança, nas formas assumidas pelas condições materiais de existência dos humanos, isto é, na divisão social do trabalho e na divisão social das classes.

“A pluralidade de preconceitos das diferentes classes sociais é substituída por uma única ideologia, a da classe dominante (...) opinião fortemente presente na sociedade brasileira contemporânea : a idéia que nossa sociedade não é violenta e a que estamos, finalmente , nos tornando modernos (...) o investimento maior (...) está em educação e telecomunicação. Como ação política, a luta pela cidadania, sob a forma dos direitos sociais,” (CHAUI, 1996, p. 132).

Nessa linha de raciocínio vejamos o desenho abaixo:



5. A METODOLOGIA DE ENSINO COMO FORMA CONSTRUTIVA DO CONHECIMENTO

Em relação à maneira de trabalhar em sala de aula (Que tipo de metodologia você utiliza em sala de aula? Essa metodologia permite ao aluno assimilar de forma construtiva o conhecimento aprendido?), foi possível analisar e observar que a maioria dos docentes busca algumas alternativas diferenciadas para expor os conteúdos das disciplinas. Porém, dado o grande número de aulas e conteúdos a serem cumpridos, alguns professores colocaram que a falta de tempo leva à pouca criatividade, mas que a metodologia mais adequada “é a que forma um cidadão crítico e consciente, centrada no aluno e não no professor, ou seja, deve despertar no aluno a busca de seu próprio conhecimento, conscientizando - o de que ele mesmo é responsável pela construção de seu saber. Conseguimos isso através de debates, discussões, palestras, pesquisas de campo e boas leituras.”

Considerando que o quadro apresentado anteriormente mostrou a necessidade da mudança da escola, podemos afirmar a partir de então que a educação, inserida no sistema formal de ensino que é a escola, deverá obter um projeto coletivo, o qual avance e possibilite metodologias inovadoras através de um processo de revisão de conteúdo. Este deve corresponder a uma realidade. É necessário que haja um processo de avaliação que promova a construção de conhecimento, centrado numa concepção de mundo e que transforme ou que

contribua para com a transformação da realidade, tendo como base a preocupação da formação integral do estudante enquanto cidadão. “A situação orientadora inicial é a criação de uma situação motivadora, aguçamento da curiosidade, colocação clara do assunto, ligação com o conhecimento e a experiência que o aluno traz, proposição de um roteiro de trabalho, formulação de perguntas instigadoras” (LIBANEO, 1985, p.145).

Portanto, cabe ao educador não apenas apresentar os conteúdos a serem conhecidos, mas despertar e acompanhar o interesse do educando no decorrer do processo ensino/aprendizagem.

A pesquisa com os docentes demonstrou que a situação atual, em sala de aula, em grandes linhas, é baseada numa metodologia, de cunho academicista, em função da própria história de formação educacional inicial dos docentes.

Neste termos, apesar do discurso mostrar uma rejeição à postura tradicional e conservadora, no cotidiano da escola verifica-se que é a mais presente; talvez nem tanto pela vontade dos educadores, mas por falta de opção competente para a revisão dessa prática. Visto nesse termos, há necessidade da formação continuada, para o docente perceber a importância de uma postura inclusiva entre aluno e professor.

Para ocorrer o processo de apreensão significativa, o educador necessita querer uma metodologia que vá de encontro à realidade em movimento: uma

metodologia que possibilite uma visão além dos muros da escola. Tendo presente a relação do conhecimento científico com a prática social do indivíduo.

Naturalmente que tal preocupação vem de encontro à própria natureza humana. E frente a esta importância é que perguntamos em relação ao conhecimento do educador: formar, para que, e a serviço de quem?

O desafio está no coletivo da escola em propor uma metodologia que faça o docente compreender o processo no qual está historicamente envolvido e que, no seu cotidiano social, não é apenas "um simples sonho que se sonha só", mas sim é competência e ousadia na busca da qualidade necessária, na formação do educando.

É ver no outro um contexto significativo e coerente com o mundo em constantes mudanças.

Alguns educadores, diante dessa nova perspectiva de educação, questionam o ensino que não deveria ser mais "exigente", já que hoje o aluno tem acesso a um número maior de informações. Temos que distinguir aqui algumas coisas: em primeiro lugar, perceber que fazer um trabalho significativo é totalmente diferente de ceder aos "caprichos indisciplinados" dos alunos. O professor precisa estar envolvido num processo e não minimizar a qualidade do conteúdo, e muito menos a experiência dos alunos.

Por outro lado, ensinar por ensinar não resolve a qualidade no processo educativo, pois é necessário “formar cabeças e não encher cabeças”. O sistema educacional brasileiro levou anos para se libertar das situações alienantes criadas pela ditadura, que adotou uma pedagogia tecnicista e produziu ao longo dos anos indivíduos reprodutores de conhecimento. Agora alguns professores, em meio de uma pseudo-formação intelectual, não podem despejar conteúdo nos alunos, sem que se saiba o porque, sem que se entenda o significado do mesmo mediar teoria com a prática.

Para estabelecer um processo pedagógico inovador, exige-se uma prática coerente e uma metodologia adequada à diversidade do cotidiano de sala de aula.

Conhecer a realidade do grupo; ter clareza dos objetivos; buscar as mediações apropriadas, ter uma postura que vá de encontro a uma visão de conjunto entre disciplinas, são algumas das mudanças necessárias. Uma escola que tem como olhar a inclusão de seus elementos a partir de uma prática pedagógica que transforme o ser humano numa ação constante de reflexão, interativo de mundo.

E para isto o coletivo deve estar atento. O educador, inclusive, precisa aprender com seus alunos, dados as condições concretas de existência da diversidade de gênero, raça, classe social, etc... O docente, enquanto articulador do processo, precisa estar interativo com a realidade com a qual vai trabalhar: alunos, escola, comunidade, sociedade e a ciência que vai ministrar. Não se trata de

conhecer a “vida íntima” de cada aluno ou membro da comunidade, mas de compreender suas principais características, suas determinações com relação aos alunos. É importante que conheçam suas necessidades, interesses, representações, valores, experiências, expectativas. Tal realidade se coloca como pontos de articulação com o conhecimento sistemático a ser construído no cotidiano de sala de aula. Esclarece COSTA (1995) “como se pode perceber, as questões ligadas ao saber, no que se refere ao trabalho do ensino, são numerosas, complexas e freqüentemente ultrapassam as fronteiras do grupo ocupacional, inscrevendo-se nas relações de classe e de gênero(...) (p.151).

Como obter, então uma educação que contribua com a diversidade no conjunto da escola a qual reflete a sociedade? A resposta pode ser dada através de uma proposta pedagógica coerente com a realidade, já mencionada anteriormente nesta pesquisa. E para uma proposta metodológica da escola mais inclusiva, anti-racista num sentido mais interdisciplinar, PETRONILHA, (1997) orienta

para a realização de treinamentos, cursos, conferências, encontros, seminários, palestras e outros que transmitam para os professores uma visão geral e atualizada dos povos e países africanos e uma compreensão global da dinâmica das culturas negro - africanos, tendo em vista maior entendimento do papel por elas desempenhadas na formação da cultura nacional(...) Estariam, outrossim, fundamentando-se para sensibilizar o magistério, em geral”, (p.34)

A idéia é propiciar uma prática pedagógica significativa a ser alcançada e desenvolvida dentro de processos inovadores, que dêem possibilidades de realização de uma ação educacional, consciente, ativa e transformadora, e que

supere o viés reprodutivista. Evidentemente, em se tratando de uma educação escolar comprometida com a construção do conhecimento e vinculada a uma metodologia com olhares na qualidade de vida do cidadão, não pode ficar de lado o educador que exigirá, no processo um projeto político pedagógico e toda uma articulação necessária da equipe de professores e gestores, para que alcance uma proposta de escola de qualidade e formação para a vida.

O número de professores que demonstraram a opinião e a necessidade de mudança em relação à metodologia de ensino referente à atuação em sala de aula, foi bastante expressivo.

A análise foi feita a seguir, conforme o que já foi interpretado anteriormente: precisa haver mudança, na opinião da maioria (80% dos entrevistados). Apenas 20% colocaram que está correspondendo às necessidades de sala de aula. Sua metodologia corresponde aos anseios do cotidiano.

Nesse sentido, cabe ressaltar a necessidade de rever o contexto do processo pedagógico, para que a proposta corresponda aos anseios dos alunos, no conjunto da diversidade escolar. Através de alternativas para a formação continuada. Auxiliando assim a própria licenciatura até então ainda em defasagem.

Observe em anexo foto da exposição de professores e alunos da prática de sala de aula da Semana Cultural.

5.1 SITUAÇÕES DE PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO NO COTIDIANO

“Olhares sobre a diversidade cultural mostram que, além da função de apreensão do conhecimento e da socialização, a escola desempenha um importante papel no processo de construção das identidades de raça, gênero, idade (...)”, (GOMES, 1996, p. 51).

É interessante observar que esta afirmação vem de encontro a algumas das colocações dos entrevistados referentes às situações de preconceito em sala de aula e/ou no cotidiano, seja ele dentro ou fora da escola.

Apesar do pouco conhecimento dos docentes em relação ao tema, houve uma preocupação, por parte dos professores, em dar visibilidade ao tema da pergunta em questão. Já sentiu algum tipo de preconceito em seu cotidiano, ou vivenciou alguma ação nesse sentido? Vejamos algumas respostas dos docentes:

- “Não, nunca senti nenhum preconceito, porém já soube de várias situações vivenciadas por pessoas próximas, com certeza por falta de conscientização”.
- “Já soube de alunos meus que se ofenderam e orientei que na sociedade em que vivemos é importante o respeito e que toda pessoa discriminada deve lutar por seus direitos e fazer justiça”.

- “Vivenciar situações de preconceito é comum. Infelizmente. Em relação à mulher, ao negro, ao gordo, etc...”
- “Já presenciei várias situações preconceituosas, tanto dentro de sala de aula como fora dela, até (entre os docentes). Em sala de aula acabo falando sobre o assunto e procuro resolver o problema. Também já sofri pelo preconceito, quando “era caipira” e o povo da cidade se achavam os melhores” (sic).

Nesse contexto de informações, a análise que merece ser feita e interpretada a partir dos dados mencionados é que a exclusão racial, econômica, política, cultural, social, etc, continua sendo a grande chaga da sociedade brasileira, ainda no mundo de hoje, tão forte quanto a exaltação da concorrência e da competitividade. Joga-se a culpa da exclusão no próprio excluído.

Para tanto, o educador (a) deve buscar o processo de mediação com seu educando, permitindo as reflexões do cotidiano para o universo da escola. “Poderia dizer-se, aliás, que toda a verdade humana é a verdade de um diálogo” (GUSDORF, p. 205).

Visto desta forma, visualiza-se uma escola que deve estar comprometida com a diversidade cultural e que possibilite uma prática atualizada e responsável, aberta ao diálogo: uma ação cooperativa, que promova o ensino com intervenções pertinentes, e que se transforme, opere mudanças, e tenha como objeto principal a formação do estudante para a vida; aprofundar a discussão dos direitos humanos e os valores éticos fundamentais (tantas leis já existentes e não efetivadas) e

inclusive formar cidadãos que priorizem a qualidade de vida, observe o meio ambiente da escola e da sociedade na dimensão da diversidade, a ser respeitada nesse meio.

É bom lembrar que a postura do professor, em relação à compreensão dos temas considerados polêmicos em sala de aula, poderá acarretar a análise crítica dos alunos, no que diz respeito a uma situação de preconceito, discriminação, racismo.

Portanto é fundamental a busca pela constante capacitação entre os docentes. A escola precisa estar atenta, enquanto gestora e formadora.

Cabe ressaltar aqui que um erro comum no enfrentamento da temática da discriminação, observado inclusive no texto da Constituição Federal, refere-se à confusão entre os termos racismo, gênero, estereótipo, preconceito e discriminação. Tal descuido não teria maiores conseqüências, se tratasse apenas de mera confusão terminológica.

Ocorre que a definição e compreensão para cada um desses termos é essencial para que saibamos identificar e combater as várias formas de manifestação de ideologia e de hierarquia entre as pessoas. Exemplo do racismo.

Racismo é uma ideologia que postula a existência de hierarquia entre grupos humanos.

Segundo essa ideologia, diferenças aparentes (cabelo, epiderme) e culturais entre povos determinariam também diferentes níveis de inteligências e de qualidades morais. É assim que, em meados do século XIX, surgem na Europa as chamadas teorias raciais, que apontavam a superioridade dos povos europeus em contrapartida à inferioridade dos povos não-europeus.

É bom lembrar que tais teorias nascem no momento em que os europeus saem em busca da dominação de povos e terras “diferentes”. Desde seu nascimento, as teorias raciais servem para justificar a exploração e dominação de determinados grupos humanos sobre outros.

Atualmente, em várias partes do mundo, as teorias raciais continuam servindo de pretexto para o tratamento discriminatório e desumano de exclusão e de marginalização, reservado para “povos diferentes.”

Vale lembrar que a Organização das Nações Unidas (ONU), constituída por todos os países comprometidos em fazer respeitar sobre o seu território os diferentes objetivos socioculturais, “Busca assegurar o respeito dos direitos e liberdades da pessoa por meio do desenvolvimento e da aplicação do ensinamento e da educação”, segundo a Convenção da ONU sobre a eliminação de todas as formas de Discriminação Racial”(1966) Ao aderir a estas convenções, o Brasil aceitou promulgar e proteger os princípios de igualdade e de respeito do ser humano.

E a escola, seja em que nível for o cumprimento dessas tarefas, supõe a construção participativa coletiva da comunidade escolar.

Cabe à equipe buscar um projeto no qual estejam explícitas as opções do conjunto da escola acerca do tipo de sociedade e de cidadão que deseja ajudar a construir e a formar, bem como nas adequações curriculares, na inclusão da diversidade. Ou seja, os rumos da escola precisam ser discutidos e redefinidos a partir de projetos, e não dos interesses de uma minoria seleta. NOVAES (1992, p.13), alerta que admiramos a velocidade (em que um centésimo de segundo põe em jogo prestígio, dinheiro, interesse, já não sabemos viver a vida lenta e inexata), vivemos a era dos ruídos e da fala interrupta da televisão e do rádio, começamos a esquecer como é fecundar o silêncio (...) vivemos ainda o excesso de imagens (...) vivemos a era da dissipação (...) mas vivemos principalmente a perda do sentimento do tempo ao considerarmos que as coisas rápidas são muito lentas e que as próprias mensagens elétricas fazem morrer de tédio.”

Isso mostra a imensa responsabilidade que temos como educadores, de proporcionar, em nossas escolas, um meio interativo que promova o compromisso ético individual e coletivo das informações e do conhecimento.

Trabalhar na educação é trabalhar com desafio, inclusive o de educar para a sociedade mais fraterna, ou seja, humanizadora, objetivando a formação do caráter do sujeito enquanto cidadão e, principalmente, a construção de uma nova

consciência a partir de uma prática pedagógica adequada aos nossos tempos.

Essa prática é de uma educação inclusiva, de acesso e oportunidade para todos, que promova o ensino aprendizagem para a cidadania, em defesa dos direitos fundamentais.

Então a tomada de consciência, veículo que leva o ser humano criança, jovem e adulto (negro e não negro) a perceber através da sua própria ação a se situar no mundo, culmina em um processo de compreensão, análise e reflexão, elementos fundamentais na estruturação da pessoa como ser social.

“ O povo negro, onde quer que esteja entre culturas africanas ou outras, apesar dos 500 anos de submissão ao ocidente que o colonizou, a razão, ainda expressa a vida através do ritmo, da religião, da sua cultura, da sua historia(...). A educação que se desenrola no convívio da família, da comunidade, na organização e luta dos grupos e classes sociais, no sentido das instituições como a escola(...), se ignorar os diferentes ritmos que compõem a sociedade provocará, como vem ocorrendo na nossa experiência brasileira, opressão e não realização de seres humanos” (SILVA, 1994, p. 41).

Temos esse panorama como base e devemos partir do pressuposto de que a força da educação está na relação pessoal. Consideramos que a consciência moral dos sujeitos se constrói na convivência social, como já foi mencionado no decorrer deste trabalho. A escola existe como um espaço que deve contextualizar a educação, e é organizada para a construção ética no sentido de resgatar e construir valores através de elementos educacionais científicos coerentes para mediatizar a ação pedagógica. Cabe a cada educador buscar em conjunto com a escola meios de elevar a auto-estima dos educandos à compreensão da reciprocidade de sentimentos, à construção de valores e ao desenvolvimento da

autonomia de consciência. É dever da escola negar toda forma de preconceito, visando desenvolver a consciência crítica dos indivíduos na interação escolar e social num contexto mais amplo. “Em minha civilização, aquele que é diferente de mim não me empobrece: me enriquece” (SAINT EXUPÉRY, 1939).

5.2 A EDUCAÇÃO ESCOLAR PODE COLABORAR PARA A INCLUSÃO QUALITATIVA DA PESSOA NEGRA NA ESCOLA E NA SOCIEDADE

Vejam a opinião dos docentes através da pesquisa a respeito de como poderá ocorrer esta inclusão: (Em que a educação escolar pode colaborar para inclusão qualitativa da pessoa negra na sociedade?)

“Ensinando conscientização e mostrando que todos nós devemos ter as mesmas oportunidades.” (Prof. Português).

“A educação escolar pode e deve contribuir para que todos os cidadãos possam estar incluídos dentro da sociedade, assumindo seus deveres com responsabilidade e com a consciência dos seus direitos, bem como dos valores morais fundamentais. No entanto, acredito que a escola só poderá contribuir de uma forma eficaz quando o “sistema” em que ela está montada for reformulado para possibilitar a formação qualitativa de cada indivíduo e não servir apenas para

garantir números nas estatísticas do governo e da imprensa. Mas a decepção dentro da escola é grande e começa pela “estrutura” dos cursos de formação dos professores” (Prof. Filosofia).

Através da conscientização e da organização. “O professor pode trabalhar temas relacionados à história, à luta, à opressão, que recaem sobre o povo. É necessário redescobrir os motivos e a história que os levem a sentir orgulho de sua origem africana e recuperar as riquezas de suas legítimas tradições” (Prof. História).

“Hoje em dia a questão racial e o preconceito, seja ele tanto contra as pessoas de cor como outros casos, devem ser abordados conjuntamente, porque o preconceito pode vir como forma de exclusão, punição, falta de informação, oposição social... A educação pode ajudar a resgatar a história e a cultura negra. Pode melhorar e valorizar o potencial cultural. Pode aplainar as diferenças, conscientizar sobre a exploração e levar as pessoas a serem cidadãos” (Prof. Educação Artística).

“Colocar na prática o que dizem os Direitos Humanos e a Constituição: todos são iguais perante a lei” (Prof. Matemática).

“Aumentando o seu nível de escolaridade, a pessoa negra poderá ter chance de competir e entrar no mercado de trabalho, sendo melhor remunerado” (Prof. Ciência).

“Mudando os conceitos dentro da família, em primeiro lugar” (Prof. Ed. Física).

“A educação é fundamental para qualquer pessoa: o problema é que muitas pessoas negras não têm acesso a ela, porque estão à margem da sociedade e muitos se conformam e não lutam. A educação tem e deve colaborar em tudo, “ pois é através dela que conhecemos o mundo que nos cerca, nossos direitos e deveres como cidadão. Uma pessoa que desconhece seus direitos, não luta por eles, é porque não sabe que os têm (Prof. Geografia).

O pressuposto é que a educação pode avançar em relação à inclusão de mais pessoas negras na escola. Proporcionalmente, as respostas foram muito parecidas entre os docentes, no que diz respeito à necessidade de uma escola que leve em conta a história dos indivíduos, como dado relevante no processo de aprendizagem. Nesse sentido, não falar sobre a trajetória dos afro-brasileiros é não possibilitar a troca dos referenciais deste segmento com os outros. É tornar difícil a visibilidade negra no cotidiano. E não havendo efetivamente esta troca, onde está o multiculturalismo e o respeito à diversidade? “A África é do outro lado da rua e nos falta coragem para atravessá-la.”

Assim como as relações de racismo se modernizam, chegando a induzir que ele não mais existe, a não-contextualização sobre o silêncio acerca da história dos afro – brasileiros deve ser compreendida como uma das expressões de sua modernidade. É a prática da relação com a diversidade que necessita ser cotidiana

e concreta. É uma construção que deve ser marcada pela busca incessante de conhecer e compreender novas referências e apagar com a marca da invisibilidade da pessoa negra. Ainda é muito presente na trajetória da educação, enquanto proposta didática pedagógica. Foram propiciados alguns momentos com os estudantes, conversas com alguns alunos negros da escola, em relação ao cotidiano. Vejamos algumas afirmações.

“A escola não conta bem como foi a história dos negros, os livros falam uma coisa, mas bem pouco é verdade” (C.R)

O problema das escolas que já passei é que eles não estão nem ai para a literatura e mostrar uns heróis negros e eu já estou terminado o 2º grau (N.S).

“Às vezes já vi com o colegas e até alguns professores gostam de falar para a negrada dando apelido pela cor. “E você ai mussum, ou besouro, bombril, Pelé”, coisa desse tipo” (F.R.)

“Quando alguma pessoa coloca apelido em mim eu me sinto triste e até humilhada” (T.R.).

“E lá no mercado então quando pinta alguma coisa errada é comum ouvir sujo é serviço de preto; as vezes eu xingo, daí eles dão risada. E falam não tem nada a ver, cara” (G.P.).

Ao ouvir partes dos relatos dos alunos é oportuno colocar aqui que:

“Numa sociedade pluri-racial, a cultura dominante se impõe coercitivamente sobre as outras culturas e os grupos dominados terminam por introjetar a inferioridade (...) O oprimido necessita, portanto, reavaliar o seu papel como sujeito histórico, para desmistificar a ideologia que apregoa a superioridade de uma cultura sobre a outra; e principalmente, se habituar à denúncia do discurso, que afirma a sua inferioridade, e justifica a dominação e a violência dos povos colonizadores” (SILVA 1995, p.55).

Acreditamos na aprendizagem, aquela da escola inserida no dia a dia, no sentido de apontar possíveis caminhos na construção de uma relação que inclua a diversidade. O desafio está posto e o questionamento é também perguntar: Que tipo de cidadão a escola está formando para o futuro? Que tipo de relações a escola lhe proporciona para educá-lo no contexto escolar e social, hoje e amanhã? Respondendo a esse questionamento podemos afirmar a necessidade da interação da teoria com a prática.

Nessa sentido confirma a preocupação em relação à licenciatura que é o nosso problema de pesquisa. Conforme foi possível observar através da colocação de alguns alunos da escola.

5.3 A EXCLUSÃO DA PESSOA É NATURAL? PODE SER REVERTIDA?

Uma compreensão mais aprofundada dessa questão necessita um leque mais amplo de análise. Discutir a maturidade de um fenômeno é discutir também a questão da consciência, pois é exatamente ali que reside o problema, tanto da reificação de um lado (isto é, não perceber a historicidade dos fatos humanos e sociais), como da idealização, de outro (o dar-se conta da possibilidade de superação dessa naturalização dos fatos). A reificação é a consciência domesticada, e o idealismo, no bom sentido, é a consciência que se liberta. Nessa linha de raciocínio podemos perceber que os passos são interligados, porém a perspectiva é que isso nos possa conduzir à perseguição do “novo”.

“ A criança atrasada abandonada a si mesma, não pode atingir nenhuma forma (mais desenvolvida) revolucionária de pensamento abstrato e, precisamente por isso, a tarefa concreta da escola consiste em fazer todos os esforços para encaminhar a criança nessa direção. Para desenvolver o que lhe falta(...). O bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento.” (VYGOTSKY, 1994, p. 113 e 114).

Portanto, buscar uma educação que tenha como base o real desenvolvimento de cada sujeito, seja criança, adolescente ou adulto. Uma escola solidária, comprometida com a formação integral da pessoa humana, parte da necessidade de preparação da formação para a vida, numa proposta pedagógica inclusiva.

Nesse sentido, as concepções de escola e de currículo, numa visão transformadora, tem aí o seu fundamento. Numa pedagogia que define uma função para a escola, a qual decorre de uma concepção de organização curricular, na transmissão do conhecimento inserido na realidade:

“A compreensão da natureza da educação enquanto um trabalho não material, cujo produto não se separa do ato da produção, nos permite atuar a especificidade da educação como referida aos conhecimentos, idéias, conceitos, valores, atitudes, hábitos, símbolos sob o aspecto de elementos necessários à formação da humanidade em cada indivíduo, na forma de uma segunda natureza, que se produz deliberada e intencionalmente, através de relações pedagógicas historicamente determinadas, que se travam entre os homens”, (SAVIANI, 1991: 29).

Tal relação vem de encontro à nossa preocupação no sentido de que a proposta pedagógica seja atividades nucleares da escola centradas na conversão do saber científico em saber escolar e no diálogo, para que de fato aconteça a formação humana.

Continuam os relatos de outros alunos:

- (N). “Tive que brigar bastante na escola para ser respeitado.
- Quando os professores falavam que “os negros tinha uma pequena importância no Folclore do Brasil, isto é que me deixava com raiva.” Outras coisa que eu ainda ouço as pessoas falarem é“: Não vai fazer negrice.”
- (A). “Sofri discriminação na escola por dois policiais quando deu um rolo na escola e o diretor chamou para uma “geral”, um policial deu um tapa na minha cara

Nesse sentido, as concepções de escola e de currículo, numa visão transformadora, tem aí o seu fundamento. Numa pedagogia que define uma função para a escola, a qual decorre de uma concepção de organização curricular, na transmissão do conhecimento inserido na realidade:

“A compreensão da natureza da educação enquanto um trabalho não material, cujo produto não se separa do ato da produção, nos permite atuar a especificidade da educação como referida aos conhecimentos, idéias, conceitos, valores, atitudes, hábitos, símbolos sob o aspecto de elementos necessários à formação da humanidade em cada indivíduo, na forma de uma segunda natureza, que se produz deliberada e intencionalmente, através de relações pedagógicas historicamente determinadas, que se travam entre os homens”, (SAVIANI, 1991, p. 29).

Tal relação vem de encontro à nossa preocupação no sentido de que a proposta pedagógica seja atividades nucleares da escola centradas na conversão do saber científico em saber escolar e no diálogo, para que de fato aconteça a formação humana.

Continuam os relatos de outros alunos:

- (N). “Tive que brigar bastante na escola para ser respeitado.
- Quando os professores falavam que “os negros tinha uma pequena importância no Folclore do Brasil, isto é que me deixava com raiva.” Outras coisa que eu ainda ouço as pessoas falarem é“: Não vai fazer negrice.”
- (A). “Sofri discriminação na escola por dois policiais quando deu um rolo na escola e o diretor chamou para uma “geral”, um policial deu um tapa na minha cara

e disse não diga nada e bem sabe que negro no rolo tem mais é que estar na cadeia. Só que eu não estava no rolo. E reclamei para a direção, nada feito. Cheguei em casa contei para meu pai e ele fez uma denúncia. O sargento ouviu lá na delegacia pediu desculpa e falou esqueça. Senão você vai expor o colégio. Meu pai conversou comigo, só que eu não esqueci”.

- (D). Ainda o movimento negro é fraco, não tem força para apurar as denúncias de crime. E falta órgão oficial como o S O S Racismo, em Curitiba.”

- (N.S.) “Sofri e fui excluído por ser pobre e usar roupas muito simples, não tinha amigos, sentia-me isolado no colégio.”

- (F.A.) “Falando de novo dos apelidos era bem chato colocavam apelido na gente e as vezes eu ouvia (o preto, macaco). Quando acontecia alguma coisa errada na sala ouvia: Veja a cor dele. Hoje eu respondo, até brigo exigindo respeito mas é ainda bastante complicado fazer a galera respeitar a cor da gente.”

- (T.R.) “Pessoalmente nunca sofri nenhuma discriminação. Mas acho que a escola não ensina a história verdadeira, ainda está errada sua forma de abordar. Sempre é vista da mesma forma a história, eu também estou terminando o 2º Grau. Vejo que se os alunos não perguntam e os professores não contam nada de novo. Parece que eles não sabem. Não falam quem foram os abolicionistas. E os da literatura, será que não tem também heróis negros?

Um dia falei durante uma aula que gostaria de saber em relação a Lima

Barreto e Cruz e Souza. A professora ficou quieta.

Outra vez comentei em relação a um filme bem legal que assisti e outra professora falou com um sorriso de deboche que “Você só quer saber de negros. Agora até inventaram uma revista para negros” - comentou ela.

5.4 A SITUAÇÃO DE PRECONCEITO NO COTIDIANO EXIGE MUDANÇA DE POSTURA E DE ATITUDE DO COLETIVO DA ESCOLA

Estamos vivendo um momento ímpar na educação escolar: um momento em que as temáticas trazidas pelo movimento social começam, pouco a pouco, a ocupar um outro espaço nas políticas educacionais e nas pesquisas dos docentes, o olhar dos alunos, que não é mais de aceitar simplesmente um conteúdo pré-estabelecido pelos livros didáticos, ou pelo sistema de ensino. Há os alunos que exigem mais e cada vez mais há novas exigências. Se não houver modificações nas propostas pedagógicas, as conseqüências serão inúmeras e variadas, desde excesso de faltas, notas baixas, repetência, evasão escolar, desânimo dos alunos em sala de aula, revolta, desconforto, auto-estima baixa e outros problemas diante dos quais o coletivo da escola necessita estar atento e rever sempre.

5.4.1 Como identificar o racismo na escola: algumas considerações.

- Uso de cartazes, livros e revistas que apresentam apenas referências de pessoas brancas;
- Repetição de apelidos, risada e ironias que encobrem idéias preconceituosas contra a pessoa negra;
- Tratamento afetivo diferente, recusando beijos, agradinhos e carinhos às crianças

5.4.4 Como enfrentar o preconceito e a discriminação na escola.

- Valorizar cada reclamação de preconceito e discriminação. O aluno ofendido, humilhado ou ironizado não deve receber culpa. Quem agir mal deve ser levado a entender sua atitude como negativa;
- Ser solidário com a pessoa ofendida, demonstrar afeto e respeito. A pluralidade racial deve ser valorizada e não neutralizada;
- Discutir a diversidade étnico- racial do país no espaço escolar;
- Ter uma postura e atitude inclusiva, estímulo, atenção, interação e chance de participação a todos os estudantes;
- Trazer para a sala de aula referências positivas da cultura negra;

Diante das questões que foram analisadas até aqui, vinculadas à possibilidade de transformação do coletivo da escola, um dos primeiros passos a serem implementados é a mudança dos conteúdos disciplinares com os quais o professor trabalha. Partir para uma estratégia de mudança, significa orientar para que todas as pessoas aprendam que o acesso e a oportunidade de educação, trabalho, saúde e direito à vida no meio ambiente do cotidiano, são direitos de todas as pessoas.

No campo da formação e da prática dos educadores e gestores, é necessário recuperar o sentido de humanização do ser. A teoria e a prática da educação, que visualiza a transformação, tem que conter os seguintes questionamentos:

- O que se deve ensinar? (Questões relacionadas à cultura)
- Por que? (Questões relacionadas à cidadania)
- A quem? (Questões relativas à atitude para com o outro)
- Como? (Questões relativas à organização da escola)

Essas perguntas, que são ao mesmo tempo pedagógicas e de políticas sociais, reescrevem a escola no espaço da sociedade, e devem ser respondidas, portanto, no quadro de uma discussão entre o coletivo mais amplo, em conjunto com o sistema que planeja o ensino.

É indispensável que o coletivo da escola se posicione criticamente dentro do cenário de discussão, e que comece a produzir opiniões articuladas como políticas alternativas para os excluídos, se o espaço é ainda excludente. Uma das possibilidades é sistema de cotas como inclusão da “minorias”, como processo de organização, neste momento histórico.

Pensar no aspecto de inclusão como direito e exercício da cidadania. Seja na educação, no meio político...tanto para a pessoa negra como para as mulheres a nível geral, deficientes..., a possibilidade de políticas afirmativas como a implantação de reservas de vagas.

Diante da não existência da democracia racial no Brasil, é evidente que o fato de se reservarem vagas não resolve o problema da pessoa negra. Só que em termos gerais no país, a representatividade da população negra em relação à não

negra, dentro das universidades, não chega nem a 1%.

Neste contexto, já é uma realidade que a democracia racial é um mito. E a educação é a base da ascensão social. Mas da forma como está, somente quem tem condições financeiras consegue entrar numa faculdade. O que não é o caso da maioria da população negra. A pessoa negra ainda vive o estigma de ter “saído da senzala e ter caído na favela.”

Desde modo, uma ação afirmativa como a reserva de vaga seria uma medida necessária no momento atual, no sentido real de que a pessoa negra ainda não está sendo contemplada dentro do que se entende como cidadania.

Teoricamente, todos têm direitos e deveres iguais, mas na prática isto não acontece. Uma grande parte da população, que comanda as regras educacionais, sociais, econômicas, políticas... ainda vê o negro como escravo e não como um cidadão, um trabalhador, uma pessoa humana com história de construção.

Diante desta realidade, a escola com seu coletivo de profissionais pode reescrever a História deste país. Esta virada de milênio aponta a educação como elemento principal de primeira necessidade. Re-estudar o sentido de civilidade, direitos humanos... e o professor tem papel fundamental nesse processo de mobilização de movimento em direção à transformação, para um sentido maior de humanização da pessoa.

Pensar coletivamente num projeto prático pedagógico, preocupar-se com a melhoria da qualidade do ensino, sair da política pedagógica do “salve-se quem puder.” Buscar sim conhecimento significativo, profissionalizar a tarefa de educadores, diminuir os níveis de fracasso escolar, prover os educadores de uma formação que lhes permita decisões mais convenientes na sala de aula. Deste modo, o docente terá como pano de fundo uma filosofia comprometida com a vida.

É nessa perspectiva, que a pesquisa buscou analisar e dar visibilidade ao tema, através dos elementos teóricos e práticos para desenvolvê-lo. (Os anexos IV, V, VI, VII, VIII, IX, trazem mais informações, além dos questionários e da entrevista).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Um negro sempre será um negro; na luta que assume pelo direito a educação, ao emprego, à saúde... e contra a discriminação no trabalho e no cotidiano. Um negro sempre será um negro, afirmando-se como ser humano na luta pela vida” (STEVE BIKO). Considerando as reflexões expostas nesta pesquisa, chegamos à conclusão de que a escola não pode ser mais o reflexo da violência e da opressão, da desigualdade e injustiça social, racial. Não pode silenciar diante das diferenças do cotidiano escolar.

A escola em todos os níveis deve assumir meios de resistência, luta e fortalecimento das diversidades, bem como seu papel de formadora da igualdade de oportunidade.

O desafio portanto, a partir da pergunta de pesquisa, é colocar em que aspectos os cursos superiores de licenciatura estariam preparando docentes para uma prática pedagógica profissional anti-racista, inclusiva e humanizadora.

Primeiramente, foi preciso que se buscassem na literatura as evidências de que, efetivamente, a formação inicial dos docentes ainda deixa a desejar, porém já está sendo necessária a busca da modificação da educação escolar, para avançar e rever os currículos, bem como lutar por propostas pedagógicas mais inclusivas.

Já é consenso, entre os profissionais e pesquisadores da área de Educação e Ciências Humanas, estudiosos da questão racial negra, a necessidade da revisão das propostas pedagógicas das Universidades no sentido de preparar melhor os docentes, para que se possam obter na prática novos procedimentos diante da situação de invisibilidade, nos casos de discriminação e preconceito contra as pessoas negras.

E para a Universidade uma saída seria acrescentar disciplinas como Educação e Cidadania, História dos Afro-brasileiros, disciplinas estas nas quais se garantissem os conteúdos voltados à visibilidade da formação do conjunto da sociedade, como a questão das diferenças raciais, sociais, religiosas e outras, tendo como base a educação na compreensão das leis e dos direitos fundamentais.

No processo de aprendizagem, é importante que o educando se identifique com os conteúdos que lhes são transmitidos. Para tanto, o educador não pode desprezar a bagagem sócio-cultural de seus educandos, que é percebida, durante o trabalho e, portanto, merece ser fortalecida neste momento. Todos os enfoques culturais devem ser incluídos e estudados, avaliados e re-elaborados, como parte da produção de conhecimento. A população negra precisa fazer-se visível neste contexto.

O fato é que no Brasil a população negra e mestiça ultrapassa 48% do total, conforme as informações já citadas. No Paraná e em Curitiba a população negra e mestiça é de 23%, de acordo com os estudos realizados. Para dar visibilidade a

toda esta população, foi necessário buscar a resposta para a pergunta desta pesquisa, que se refere à formação anti-racista. A necessidade é de caminhar na busca de uma educação e de uma sociedade inclusiva, na opinião dos entrevistados, através dos dados de amostragem entre professores que atuam no ensino fundamental, médio e universitário. Na análise feita, a opinião de alguns alunos é de que a mudanças têm que ocorrer, e logo.

É necessário portanto visualizar uma pedagogia da inclusão, respondendo à pergunta de pesquisa, que questionava a prática da docência mediante a formação inicial numa postura anti-racista, numa visão inclusiva.

Tanto a Constituição Federal, como a L.D.B., as declarações dos direitos humanos da ONU e outras leis em vigor, quando legislam sobre a natureza pedagógica e a finalidade da escola, não estabelecem diferenças entre o fazer pedagógico da escola mantida pelo Estado ou mantida pela iniciativa privada, seja em que nível for.

A escola, pela sua natureza histórica, tem no professor(a) um(a) mediador(a), tanto da cultura como do saber. Para tanto, o (a) docente qualifica-se, ou seja, necessita apossar-se do saber para fazer a mediação entre o conhecimento e a experiência de vida com o estudante.

O docente também necessita de uma postura ética, no sentido de se assumir como responsável por essa mediação. Essa postura ética implica nas relações

pedagógicas com os alunos, no processo de comunicação.

Ora, a mediação e a postura ética são exigências de todo profissional educador, independente da mantenedora ser pública ou privada (seja a escola de educação infantil, básica, ensino médio ou universitário). O conhecimento pedagógico produzido na escola também é um bem universal e todos podem dele se apropriar. O que se pretende para incluir a pessoa negra é provocar as reflexões, dado o grande número de sujeitos ainda fora do contexto de acesso e oportunidade.

Trata-se de realçar, na construção da cultura brasileira, todas as contribuições etno-culturais. No que tange à cultura africana, a simples constatação histórica da presença negra no Brasil, há mais de um século, deixa patente a exigência de igualdade de visibilidade, no cotidiano educacional e social.

A necessidade de mudança ficou evidenciado diante dos 80% dos dados obtidos pelos docentes, porém é bom lembrar que 20% foi contrário a mudanças. Entretanto, sem querer cair num otimismo exagerado, não pretendemos ignorar os resultados da amostra analisada, equivalente a 20%, que ainda não incorporam a necessidade da formação continuada nem a reflexão da prática. Sabendo que, apesar da indicação para a mudança, ao mesmo tempo em que apreciamos tais iniciativas da maioria em querer rever o processo, somos levados a questioná-las. Se de um lado elas provocam maior inserção de alguns alunos e professores na discussão do tema referente à questão racial negra na escola, debates diante de filmes referenciados, exposição de trabalho, valorização do Dia Nacional da

Consciência Negra e pesquisas voltadas à busca de heróis negros na história. Relacionaram pessoas famosas no meio artístico, na imprensa, no esporte, na política, na educação etc... Num olhar municipal, estadual, nacional e internacional. Alunos e professores estiveram envolvidos na semana cultural, num enfoque de diversidade racial, no qual puderam observar no gráfico o número de alunos negros freqüentando a escola e o número de profissionais negros atuando. Tanto num caso quanto no outro, a diferença é muito significativa e representou a exclusão da pessoa negra nesse contexto social e escolar e ainda a força real do racismo. Portanto ainda falta uma proposta pedagógica mais eficaz, dado a diversidade cultural brasileira.

Cabe relatar que esse processo mobilizou a escola, porém por outro lado, não significou, necessariamente, mudança na qualidade de ensino, posteriormente. Na prática dos docentes, não se observou a necessidade de revisão de conteúdo.

A escola é uma instituição de ensino e está situada num contexto sócio-político-econômico-cultural.

Quando se percebe a necessidade de mudança, sabemos que não basta só uma semana de reflexão e amostra pedagógica direcionada ou reforma do prédio da escola, mobiliário e instrumentá-la com laboratórios, recursos audiovisuais e outros.

A participação significativa é aquela que visa a transformação que, segundo Paulo Freire, tenta reinventar a educação a cada momento, procurando sentir,

perceber e responder às necessidades do todo da escola, dos grupos, das turmas de estudantes, docentes, funcionários e de cada pessoa, em particular, tendo sempre em vista o Projeto Político Pedagógico. Nesta perspectiva, a escola pode e precisa mudar sempre, tanto aquela pública ou privada que já se encontra no processo de mudança, como aquela que deseja nele entrar.

É necessário ter consciência de que a escola existe para estar a serviço das pessoas, com uma filosofia inclusiva, independente raça ou qualquer razão social. Isto exige de cada instituição escolar uma administração e um corpo docente inteligente e aberto ao diferente/divergente.

Por outro lado, normalmente não é só a estrutura que massacra as pessoas, mas sim, a filosofia, a metodologia, a avaliação enfim a proposta pedagógica confusa que orienta as pessoas que usam as estruturas com uma visão estreita de sociedade e de educação. Colocam barreiras atitudinais e maiores obstáculos para a pessoa negra, que acaba distanciando os alunos do processo de inclusão e o acesso às oportunidades, o que dificulta a elevação da auto-estima.

Trabalhar com a possibilidade da prática inclusiva e anti-racista exige mudança de atitudes. Um exemplo é a prática da brincadeira da dança da cadeira. Normalmente é feita distribuindo o grande grupo em pequenos, tendo cada grupo uma cadeira a menos que o número de participantes. Os grupos vão dançando ao som de uma música e cada vez que o dirigente interrompe a música, sobra uma pessoa e se retira outra cadeira. Desta maneira, o grupo vai desintegrando

lentamente. O professor de educação artística trabalhou com os alunos a brincadeira como exemplo de incluir o diferente.

Qual a filosofia que está por trás desta brincadeira? Será a união, a integração, a inclusão? Certamente que não. Poderia ser diferente? Com certeza que sim. Ao formar os grupos para a brincadeira, orientar que, cada vez que para a música exclui uma cadeira, mas que o grupo permaneça com o mesmo, procurando se unir cada vez mais, mesmo que tenha que sentar um no colo do outro ou agarrando-se ao colega para permanecer em coesos. Neste caso, a pessoa não será descartada, pelo contrário, integrada e incluída. Durante a semana cultura, os professores que trabalharam a questão da diversidade colocaram a importância de estarem revendo a filosofia da escola.

Assim, o segredo da mudança está no confronto, ou em confrontar nossa prática com a filosofia da escola, de encontro com a proposta do projeto político pedagógico, que poderá ser analisada em conjunto com os docentes e equipe, tendo como referência:

- As experiências de sucesso, processo e fracasso;
- Os momentos de diálogo sincero e espontâneo, tempo gasto para planejar as reuniões, aulas, cursos de capacitação, eventos festivos;
- Abertura e autonomia ao diálogo entre docentes, gestores, grêmios estudantes, funcionários, conselho escolar...;
- A clareza do fim que se tem em vista extrapola a escola?;

- A capacidade de auto-avaliação da equipe;
- O envolvimento e desempenho a novos projetos;
- A acolhida e sintonia existente entre o corpo docente, discente, funcionários....

Estes itens culminariam em outros, como a interação do conhecimento para detectar se a escola, na qual se visualiza a diversidade no cotidiano como qualidade inserida no processo, está sinceramente buscando a transformação que se tem em vista. Que educação? Que escola? Que universidade? Para que? Para quem? Que qualidade? Qualidade a serviço de quem? Qualidade contra quem? E será que a escola quer mudar?

Perguntas que sempre voltam. Conforme foi observado durante a pesquisa, a escola que elaborar, conjunta e participativamente seu projeto, certamente tem a intenção de mudar. A construção do projeto político pedagógico é que indicará o tipo de pessoa humana que quer formar, que sociedade, que educação quer construir.

Quanto ao processo pedagógico instalado, conforme descrito na metodologia, constituindo-se de uma programação de uma das conclusões é que, para chegar à transformação da prática, encontram-se resistências internas e externas, tais como:

- A rotina do dia a dia do colégio massacra a criatividade;
- A acomodação natural é que impede o comprometimento com um projeto

assumido;

- A tentação em atender as emergências faz perder a visão do todo;
- A contradição existe entre o projeto proposto pela escola e a filosofia de vida ou a prática pedagógica de cada docente;
- O corre-corre de grande número de professores que atuam em vários colégios;
- A influência da “cultura do vestibular”, que privilegia os conteúdos pré-estabelecidos;
- A política salarial do magistério, que permite a poucos docentes dedicação exclusiva a uma escola;
- A filosofia do sistema dominante, que “silenciosamente” justifica a acomodação, o centralismo, o autoritarismo, a competição...;
- Os modismos constantes que alimentam a filosofia do senso comum e cultivam a superficialidade;
- A dificuldade em adaptar-se às exigências da economia vigente, sem entrar em choque com uma proposta pedagógica de inclusão.

A análise feita é que o tema da inclusão como pressuposto de igualdade da pessoa negra, na sua valorização humana, faz-se urgente, por causa da divisão e posse egoísta dos bens disponíveis.

Grande parte da humanidade está impedida de se apossar desse bens e, por isso, a grande parte de pessoas negras e os demais, que não têm acesso, são denominados de excluídos.

Não basta o docente refletir o processo de exclusão e inclusão na escola pelo que foi possível analisar, ou seja, identificar no “fazer pedagógico”, como causa única do fracasso escolar, a postura de preconceito e de discriminação, ocultando desta forma a ação ideológica no política de exclusão das instituições públicas ou privadas da sociedade. Uma escola para todos implica acesso e oportunidade numa relação de igualdade, respeitando a diversidade do cotidiano.

Dessa maneira é necessário indagar-se as propostas pedagógicas, com base na formação humana, podem interferir no processo social para que cada pessoa venha a contribuir com a transformação da sociedade. O momento é de grandes desafios. Para envolver a escola foi possível concluir, através da leitura que fundamentou essa pesquisa, que é necessário um amplo trabalho coletivo entre os profissionais, para uma revisão no cotidiano da prática escolar.

Numa análise mais profunda, do sistema educacional, pode-se dizer que seu grande problema é a não-aprendizagem, sendo que a reprovação é uma das fases. Portanto a bandeira de luta é combater a não aprendizagem. É claro que isto, por via de regra, baterá de frente com o problema da reprovação, visto que se o aluno aprendeu de fato, mesmo existindo o sistema classificatório, não seria eliminado. Esta é uma tarefa que cabe a todos, devendo se traduzir em práticas concretas nos vários níveis. Em se tratando da Universidade enquanto formadora de profissionais, terá que orientar seus futuros profissionais, afim de que se promova uma outra visão educacional da sociedade.

A SOCIEDADE EM GERAL

Desenvolver no educando uma visão crítica frente à cultura da exclusão (seleção, competição, individualismo, consumismo) gerando uma visão de futuro mais esperançoso, valorização da educação e de seus profissionais.

- Governantes/ Divergentes: Garantir uma política educacional que atenda efetivamente os interesses das classes populares, tendo como base o acesso igual para todos.
- Sistema de Ensino: Rever o processo de formação dos docentes, articulando teoria com a prática.
- Pais: Valorizar o estudo, a escola e o professor; valorizar a aprendizagem com ênfase na descoberta do mundo e não na nota.
- Alunos: Assumir um papel ativo na construção de seus destinos, fazer do conhecimento uma forma de compreender melhor o mundo.
- Escola: Construir coletivamente seu projeto educativo, posicionando-se claramente frente à cultura da exclusão.
- Professor: Assumir um papel fundamental neste processo da mudança, a autonomia de ensinar e interagir no movimento de transformação.

Porém, tudo isso que foi analisado como possibilidade de um novo perfil de um profissional com essa visão universal terá que ter, entre outros, dois grandes desafios; tomada de consciência e tomada de posição.

Uma abordagem da temática dessa pesquisa, referente à educação e relações raciais, é chamar a escola para um ensino “além muros”. Considerar as relações cotidianas, as experiências afetivas e efetivas culturais da camada social de alunos no eixo da diversidade para a descoberta de valores, superação do individualismo, da postura de exclusão, do preconceito e da discriminação.

Que a escola venha ter uma postura cotidiana inclusiva e que promova a formação continuada dos docentes é o mesmo que saber que a educação é valorização da vida e da cultura, respeito à individualidade, à diversidade étnico-cultural, é processo amplo e universal que envolve todas as pessoas e as pessoas todas ao longo da vida.

O processo de reflexão passa pelo envolvimento de todo o coletivo da escola. No decorrer deste trabalho, foram ultrapassados os limites da sala de aula, passando pelos docentes, estudantes, funcionários, comunidade e sociedades; nesta visão, o todo se coloca numa concepção de mundo, de sociedade, de homem. O educador, numa visão crítica de educação contextualizada, exigirá um projeto político, pedagógico, interdisciplinar, transformador, inclusivo, que acolha as diferenças no cotidiano escolar.

Caso contrário corre-se o risco de não ter o *devido objetivo do papel da escola, da universidade, que deve ser educar para transformar*. O saber científico interagindo com o conhecimento e valorização das relações de gênero, relação de raça...

Assim sendo quero ainda dizer que como negra, mulher, educadora profissional há bastante tempo nessa área. E como pesquisadora continuo a afirmar a importância da diversidade no processo de construção do conhecimento. Podemos observar a paisagem como se transforma mesmo que imperceptível, a água, os animais, o leito do rio, as plantas, os animais, o ar, a pessoa que se banha, cada natureza na sua especificidade é suficiente para modificar o mundo. Nesse sentido: A prática pedagógica transformadora, não se faz apenas com ciência e técnica.

Nessa perspectiva uma grande aliança é possível formar entre profissionais de todas as áreas. Como estamos atrasados na igualdade de oportunidade e de direitos. Mundialmente falando e localmente nossa prática, nosso sistema deixa muito a desejar. Na virada de milênio vale a pena buscar uma aprendizagem mais moderna e a cidadania teve ser básica dessa mudança. “Ensinar exige saber escutar” (FREIRE, p. 127, 1996).

Para os estudos étnicos culturais é preciso uma prática educacional que possibilite as pessoas em formação, dizerem de si e de suas histórias, é necessário produzir portanto uma proposta pedagógica curricular menos excludente e mais plural.

É na escola (da Educação Infantil à Universidade) que o saber deve adquirir consciência de si e adquirir o poder de administrar a diversidade do cotidiano

escolar, racial e social, objetivando a formação integral da pessoa humana interativa, reflexiva e responsável tendo em vista a construção de um mundo mais humano. “...Tenho um sonho: que meus filhos, um dia, viverão numa nação onde serão julgados não pela cor da pele, mas pelo conteúdo de seu caráter”, (M.LUTHER KING, 1993, p. 48 e 49). E nessa perspectiva é possível pensar na licenciatura, na escola, como um todo, um fazer educacional com mudança de postura e de atitude.

ANEXOS

ANEXO I
Questionário I
Instrumento I (Para Docente)

COR () NEGRO () MESTIÇO () BRANCO ()

- 1) O curso de licenciatura contribuiu na sua formação profissional?
- 2) O curso ofereceu, ou oferece, informações adequadas relacionadas à diversidade do cotidiano escolar?
- 3) No decorrer de sua graduação, houve preocupação em relação à educação, e ao multiculturalismo e a relações raciais?
- 4) Na sua opinião, é importante a abordagem desse tipo de assunto cotidiano, unindo a teoria a prática?
- 5) Qual é a sua opinião em relação ao preconceito? A discriminação racial étnica existe?
- 6) A partir de sua vivência, você acha que a escola, em relação à sociedade e ao mercado de trabalho, está mudando?
- 7) Que tipo de metodologia você utiliza em sala de aula? Esta metodologia permite ao aluno assimilar, de forma construtiva, o conhecimento aprendido?
- 8) Já sentiu algum tipo de preconceito em seu cotidiano, ou vivenciou alguma ação neste sentido?
- 9) Em que a educação escolar pode colaborar para a inclusão qualitativa da pessoa negra na sociedade?
- 10) Gostaria de acrescentar mais algumas coisas em relação ao que conversamos?

ANEXO II
Questionário II

Instrumento II (Para a Equipe Técnico-Pedagógica da Escola)
COR () NEGRO () MESTIÇO () BRANCO ()

- 1- Como está ocorrendo a discussão em relação às questões raciais e educacionais em sua escola?
- 2- Quais ações que a instituição prevê, no sentido de integrar, na prática pedagógica, a diversidade cultural?
- 3- Existe no projeto político pedagógico da escola preocupação em articular uma prática interdisciplinar, tendo em vista a diversidade cultural?
- 4- Como se encontra a formação de profissionais em relação às questões de educação e relações raciais?
- 5- De que forma a escola pode ser ou foi sensibilizada para trabalhar a diversidade cultural nas áreas do conhecimento?
- 6- Como está o envolvimento dos alunos em relação aos temas: preconceito, discriminação, diversidade cultural?
- 7- Os alunos de licenciatura estão preparados para uma docência que dê conta da diversidade cultural?
- 8- Os cursos de Licenciatura oferecem disciplinas que abordam a diversidade cultural?
- 9- Como avaliar a questão do preconceito racial em relação a pessoa negra?
- 10- Na sua opinião, o que a Universidade poderá fazer para avançar nas questões da educação e relações raciais?
- 11- Comentários adicionais?

ANEXO III

ENTREVISTA

Com um professor Universitário e militante do movimento negro de Curitiba.

Em Curitiba existe a Associação Cultural de Negritude e Ação Popular (ACNAP) que trabalha com a cultura afro, debatendo o preconceito racial através de palestras, apresentações musicais, dança e teatro. De acordo com o diretor da ACNAP, Paulo Borges, a entidade enfrenta dificuldades por causa do racismo. “Antes de ser um choque de diferenças étnicas, o racismo é cultural e ideológico. Tanto que no país a mídia trabalha com um tipo de beleza chamada européia; mulheres brancas e geralmente loiras. Com isso as negras ficam de fora. Além disso, nas escolas não são trabalhados com as crianças heróis negros e muito menos grandes nomes na história.” Paulo acredita que o racismo vem desde a infância, porque as crianças não tem no ensino fundamental modelos negros para admirar.” Dessa forma, os casos de racismo acontecem naturalmente.”

Paulo Borges lembra que a Associação está trabalhando num projeto escola alternativo de primeiro grau, onde crianças de todas as etnias do ensino fundamental serão “trabalhadas” para evitar atitudes negativas em relação ao preconceito racial. “Esta escola será chamada kanoombo, que significa coisa de negro”, lembra.

Segundo Paulo o preconceito profissional em Curitiba é muito forte e pode ser observado pelo pequeno número de negros no mercado de trabalho. “Também a forma de como os negros são tratados é diferente. Muitas vezes o tratamento é frio”,

cita Borges contando que já passou por três situações constrangedoras por ser da raça negra. Uma delas foi no aeroporto de São Paulo: A polícia Federal pediu minha documentação, suspeitando de alguma coisa. Foi puro preconceito racial.”

Mas isso não é uma exceção. Segundo Paulo, casos de discriminação ocorrem todos os dias. “Se um negro senta num banco de ônibus, e a seu lado está alguém preconceituoso, este troca imediatamente de lugar”, acrescenta Borges, explicando que menos de 10 % dos casos de preconceito racial são denunciados. Este baixo índice deve-se ao desconhecimento e à falta de consciência étnica das pessoas negras. Porém, ressalta o diretor, nos casos de preconceitos raciais, as pessoas podem procurar a ACNAP, que oferece serviços jurídicos.

ANEXO IV

RELAÇÃO DOS MOVIMENTOS NEGROS NO BRASIL COM ENFOQUE EDUCACIONAL

- Agentes da Pastoral do Negro, em vários estados (com trabalho educacional e ecumênico).
- Movimento Negro Unificado em vários Estados (questão política e educação)
- Consciência negra (educação para formação de lideranças).
- Movimento de mulheres negras (é mais forte em São Paulo).
- Fundação Palmares.
- Núcleo de Estudos Negros, em Florianópolis.
- Associação de Negritude e Ação Popular, em Curitiba.
- Grupo de estudo Educadores Anti - racistas na A.P.P Sindicato Curitiba
- Grupo Orgulho da Raça (estudantes Professores e Comunidade Grupo de estudos das etnias Colégio Teotônio Vilela – Curitiba- Paraná.
- Grupo kanaombo (crianças e adolescentes) estudam a questão da cultura negra. Curitiba-Paraná
- M C S Revista Raça (todo mês na bancas) lançamento recente que trata diretamente de assuntos voltados à população negra
- Revista SACI (Sociedade Afrosergipana de Estudos e Cidadania) Aracaju - SE
- Algumas entrevistas no Jornal Gazeta do Povo.
- Terreno de Candoblé IA Goná (Bairro Alto, Curitiba-PR) resgata a cultura e a religião voltadas às Ancestralidades Afrobrasileiras.
- Várias entrevistas na Folha de São Paulo, com caderno especial em 1995, com

300 anos de ZUMBI.

- TV Cultura, sendo um canal educativo, apresenta todos os anos durante a semana da consciência negra, um rol de programas que contam um pouco a história, valorizando os artistas negros.
- Endereços na Internet, raça e educação
 - men@cep.ufc.br
 - crioula@ax.apc.org
 - sueli@geledes.com.br
 - marlima@candido mendes.br

ANEXO V
RELAÇÃO DAS ESCOLAS E UNIVERSIDADES QUE TRABALHAM VOLTADAS À
VALORIZAÇÃO DA PESSOA NEGRA

- Escola Olodum em Salvador (Educação básica)
- Escola Alternativa (curso pré- vestibular) em Nova Iguaçu-RJ; Mantida pela Paróquia do Frei Davi
- Escola Alternativa KANAOMBO (reforço escolar e valorização da cultura...) Sítio Cercado em Curitiba (está em construção)
- Grupo de Estudos na Universidade Federal de Santa Catarina
- Grupo de Estudos na Universidade Federal de Uberlândia (U.F.M.G)
- Grupo de Estudos na Universidade Federal do Rio de Janeiro (U.F.R.J)
- Grupo de Estudos (U.F.G.S)
- Grupo de Estudos na Universidade Federal de Brasília (UFB)
- Grupo de Estudos na Universidade Federal de São Carlos-S.P
- Grupo de Estudos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP)
- Grupo de Estudos da Universidade de São Paulo (USP)
- Grupo de Estudos da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRJ)

Obs. Há outras Universidades que não têm ainda grupo de estudos que consta registros mas já ofereceram seminário e curso de extensão com o assunto voltado à História da África e ao Multiculturalismo, tais como, em Curitiba, a Faculdade Espírita e a Universidade Federal do Paraná.

ANEXO VII

FOTOS SEMINÁRIOS NEGROS E EDUCAÇÃO

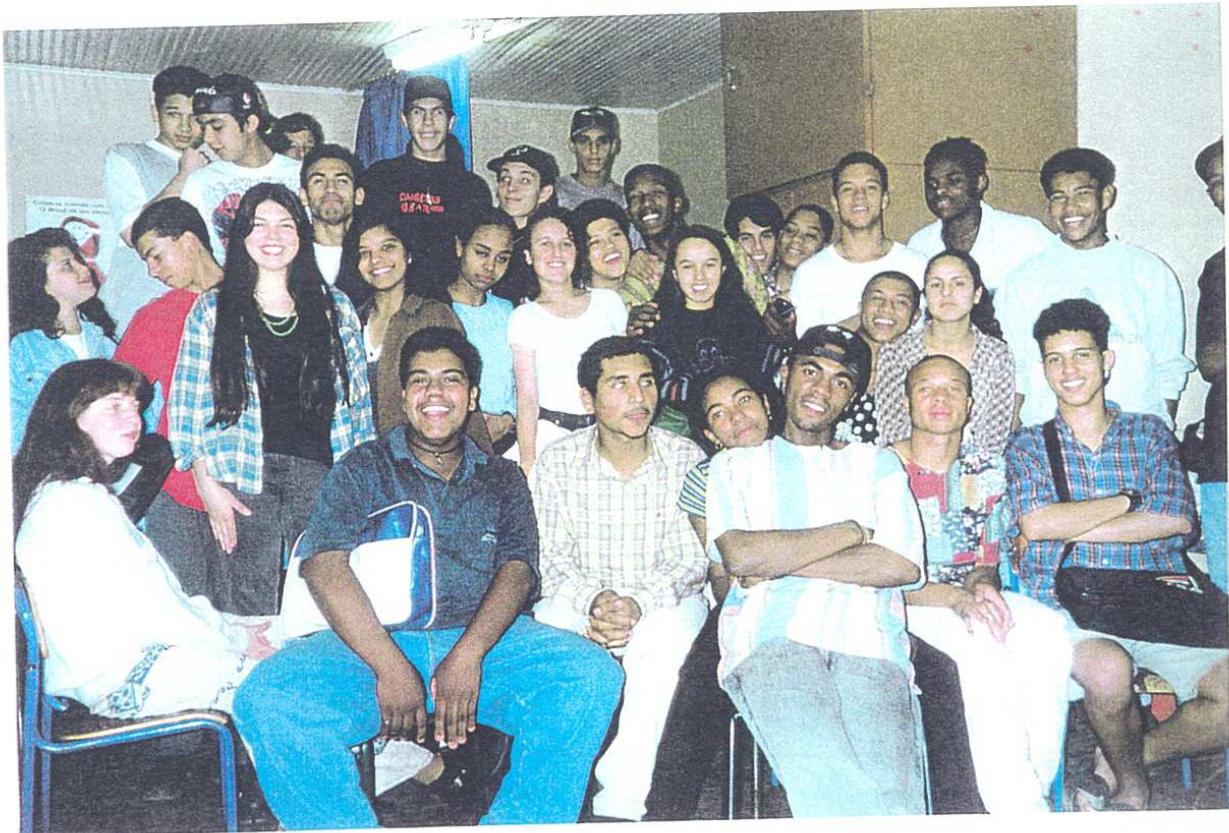


ANEXO VIII

FOTOS DA SEMANA CULTURAL DOS ALUNOS E PROFESSORES DA ESCOLA



FOTOS DA SEMANA CULTURAL DOS ALUNOS E PROFESSORES DA ESCOLA



ANEXO IX

DADOS ESTATÍSTICOS

TABELA 1

Taxas de Analfabetismo das Pessoas de 15 a 64 Anos de Idade, Segundo a Cor, Brasil e Regiões da PNAD — 1980.

	<i>Branços</i>	<i>Pretos</i>	<i>Pardos</i>	<i>Não-Branços*</i>
Brasil	14,5	38,3	36,2	36,5
Norte	18,3	41,4	30,5	31,0
Nordeste	32,1	57,5	47,4	48,4
MG-ES	17,1	38,5	32,4	33,6
RJ	7,5	20,9	14,0	15,9
SP	10,0	21,3	21,0	21,1
Sul	11,8	28,4	29,2	29,0
Centro-Oeste	16,5	47,4	29,6	31,0

Fonte: Amostra de 0,8% do Censo Demográfico de 1980.
* Inclui pretos e pardos.

TABELA 2

Grau de Ensino Completado pelas Pessoas de 15 a 64 Anos de Idade, Segundo a Cor, Brasil — 1980.

<i>Grau</i>	<i>Branços</i>	<i>Não-Branços</i>
Superior	4,16	6,01
2º Grau	10,65	3,69
1º Grau	12,96	6,62
Elementar	35,09	24,68
Sem diploma	36,63	63,77
Sem declaração	0,31	0,43
Total	100,00	100,00
	(39.576.977)	(29.128.325)

Fonte: idem Tabela 1

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. CampinasSp: Papyrus, 1995
- APPLE, Michel W. **Educação e realidade**. Porto Alegre, 1994.
- BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não, o novo espírito científico, a prática cultural**. Pensadores, 1978
- BEHRENS, Marilda Aparecida. **A formação continuada dos professores e a prática pedagógica**. Curitiba : Ed. Champagnat, 1996
- BENTO, M. Aparecida Silva. **Resgatando a minha bisavó: discriminação racial no trabalho e resistência na voz dos trabalhadores negros**. São Paulo, 1992.
- BRANDÃO, Euro. **Universidade e transcendência**. Curitiba: Ed. Champagnat, 1996.
- BUARQUE, Cristóvam. **A aventura da universidade**. São Paulo: Editora UNESP, Paz e Terra, 1993
- Cadernos de Pesquisa - Série Pensamento Negro em Educação - Núcleo de Estudos Negros. Florianópolis, 1998.
- CARRAHER, T. , CARRER, D. W. & SCHLIEMANN, A. D. **Na vida dez, na escola zero**. São Paulo: Cortez, 1988
- CARRIER, Herve. **Revolução cultural e educação**. Curitiba: Ed. Universidade Champagnat, 1994
- CHAGAS, Conceição Correia. **Negro uma identidade em construção**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CHARLOT, Bernard. **A mistificação pedagógica**. Rio de Janeiro: Zaliar Editoras, 1979.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. **Ideologia e educação. Educação e sociedade**. São Paulo: CEDES, 2 (5): 24-40, 1980.
- COSTA, Maria A. Craveiro. **Paixão de formar-aprender com paixão: reflexão em torno dos aspectos motivacionais da prática pedagógica**. Recife: Fasa Editora, 1996.

- COSTA, Marisa Cristina Vorrober. **Trabalho docente e profissionalismo.** Porto Alegre, 1995.
- COUTINHO, José Maria. **Por uma educação multicultural. Rio de Janeiro: Ensino, 1996**
- CUNHA, Júnior Henrique. **Discussão sobre : exclusão e edesemprego no pós-abolição.** Fortaleza, 1996.
- _____, **As estratégias de combate ao racismo.** São Paulo, 1996
- DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura.** Belo Horizonte: Editora FMG, 1996
- Declaração dos Direitos Humanos. Assembléia Geral das Nações Unidas, 10 de dezembro de 1949.
- DEMO, Pedro. **Avaliação Qualitativa.** São Paulo: Cortez, 1987.
- DUARTE, Newton. **A individualidade para si. Contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo.** Campinas: Editores Associados, 1993
- ENGUITA, Mariano F. **A face oculta da escola: educação e tranalho no capitalismo.** Tradução de Tomas Tadeu da Silva, Porto Alegre: Artes médicas, 1989.
- ESSED, Philomena. **Por trás da fachada holandesa multiculturalismo e a negação do racismo nos países baixos.** Estudos Afro-Asiáticos, São Paulo, 1995.
- Estatuto da Ciência e do Adolescente, 1993.
- FERNANDES, Florestan. **Significado do protesto Negro.** São Paulo: Ed. Cortez, Autores Associados, Col. polêmicas do Nosso Tempo, 1989
- FINGER, Almeri Paulo e outros. **Educação: caminhos e perspectivas.** Curitiba: Champagnat, 1996
- FONTOURA, Conceição. **A exclusão da cultura afro-brasileira dos currículos escolares. Uma questão de conhecimento histórico.** Porto Alegre: Editoras Vozes, 1987.
- FOUREZ, Gérard. **A construção das ciências: introdução à filosofia e a ética das ciências. Tradução de Luiz Paulo Roumet..** São Paulo: universidade Estadual Paulista, 1995.
- FREIRE, Paulo e Iva Shor. **Medo e ousadia. O cotidiano do professor.** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa..** Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da esperança: um encontro com a pedagogia do aprimoramento.** Rio de Janeiro? paz e terra, 1992.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real.** São Paulo: Ed. Cortez, 1995

GENTILI, Pablo. **Pedagogia da Exclusão: Crítica ao Neoliberalismo em Educação.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1995.

GHIRALDELLI, Paulo Jr. (Org.) **Infância escola e modernidade.** São Paulo: Cortez, 1997.

GIUSTA, Aguela da Silva. **Concepções de aprendizagem e práticas pedagógicas.** UFMGF, FAE, 1986.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto - o processo de construção da identidade racial de professoras negras.** Belo Horizonte: Edições, 1995 .

GUSDORF, Georges. **Professores, para quê?** Editora Lisboa: 1970.

HARGREAVES, Andy. **Professor da cultura.** Morata, Madrid, 1996.

IANNI, Otávio. **As metamorfoses do escravo.** São Paulo: 1988.

JAERGER, Werner. **Paidéia a formação homem grego.** São Paulo: Martins Fontes, UNE, 1996

JULIATTO, Clemente Ivo. **Novas perspectivas em administração escolar.** Curitiba: PUCPR, 1997.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** Rio de Janeiro? Paz e Terra, 1976

LARA, Tiago Adão. **A escola que não tive - o professor que não foi temas de filosofia da educação.** São Paulo: Cortez, 1996.

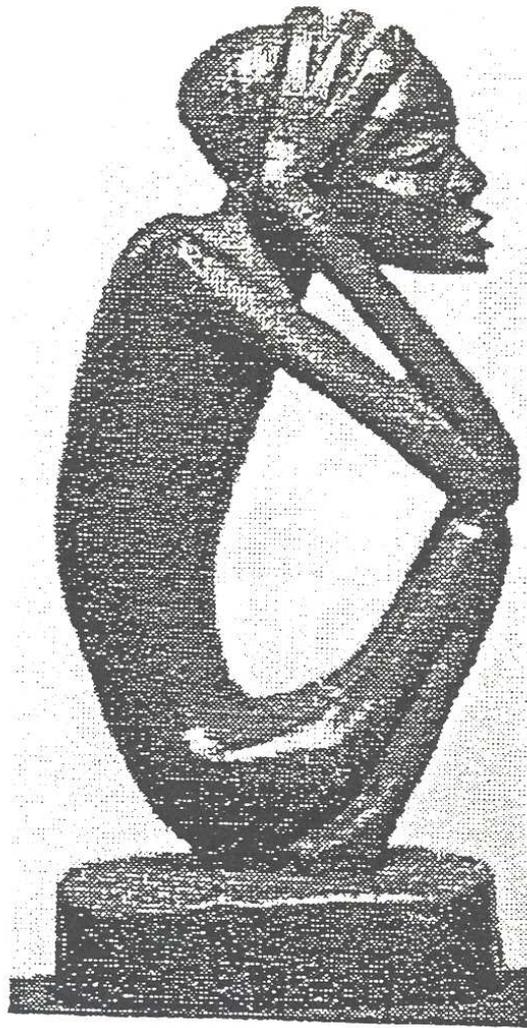
LDB - Lei de Diretrizes e Bases, n.º 9394.

LASTÓRIA, Luiz Antonio Calmon Nabuco. **Ética estética e cotidiano: a cultura como possibilidade de individualização.** Piracicaba: Unimep, 1995.

LIBANEO, José Carlos. **Democratização da escola pública e a pedagogia crítica - social dos conteúdos.** São Paulo: Loyola, 1985.

- LIMA, Maria Nazaré. **Educação e os afro-brasileiros: trajetórias, identidades e alternativas.** Organizadores. Salvador: UFBA, 1997.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Fazer universidade: uma proposta metodológica.** São Paulo: Ed. Cortez, 1991
- LUTHER, King Martin. **Personagens que mudaram o mundo.** São Paulo: Globo, 1993.
- MACEDO, L. **Desafios construtivista ao professor.** São Paulo: Memeo. IPUSP, 1992.
- MADURO, Otto. **Mapas para a festa reflexão latino-americana sobre a crise do conhecimento.** Petrópolis: Vozes, 1994
- MARTINS, Joel. **modelo de planejamento curricular.** In Garcia Walter. Educação Brasileira Contemporânea. Rio de Janeiro: MC Graw Hill do Brasil, 1980.
- MELLO, Guiomar Namó de. **Cidadania e competitividade: desafios educacionais no 3.º Milênio.** Ed. Cortez, 1993
- MESQUIDA, Peri. Texto, Disciplina: Educação Brasileira, 1997
- MOREIRA, F. B. **Neoliberalismo, currículo e a avaliação teoria e prática no cotidiano da escola.** Petrópolis, Vozes, 1995.
- NEGRAO, Esmeraldo V. **Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas.** São Paulo: 1988.
- NOVAES, Adanto. **Sobre tempo e história.** São Paulo, 1992.
- NOVAES, Sylvia Caluby. **Jogo de espelhos.** São Paulo: EDUSP, 1993
- NÓVOA, Antônio. Os professores e a sua formação. **Lisboa: Dom Quixote, 1992.**
- OLIVEIRA, Manfredo A. de. **Ética e sociabilidade.** São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- ORTEGA, José Gasset. **Missão da Universidade.** Seara Nova, 1946
- PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais. Documento introdutório, 1996.
- Revista de Ciência da Educação, Campinas: Papyrus, 1995
- SANTOS, Milton. **O preconceito.** São Paulo: IMESP, 1996.
- _____. **Racismo Cordial.** São Paulo: Ática, 1995.
- SAVIANNI, Dermeval. **Pedagogia histórico crítica: primeiras aproximações.**

- Campinas: Autores Associados, 1995.
- SEVERINO, A. Joaquim. **Filosofia da educação, construindo a cidadania.** São Paulo: FTD, 1994.
- *SILVA, Anna Célia da. **A discriminação racial nos livros didáticos.** FAE-RHJP, 1988.
- SILVA, Maria José Lopes. **Pedagogia multiracial: proposta curricular.** Rio de Janeiro. 1989
- SILVA, Petronilha Gonçalves e outros autores. **A escola cidadã no contexto da globalização.** Petrópolis: 1999.
- STACCONE, G. Gramsci. **'Bloco histórico e hegemonia.** São Paulo: Centro de Pastoral Vergueiro, 1987.
- SUNG, Jung. **Conversando sobre a ética e sociedade.** Petrópolis: Vozes, 1995.
- TEDLA, Eleny. **On the path to personhod: teacher as elder, family, community Nova York 1998.** Trabalho apresentado no Congresso Mundial em Salvador, p. 1, 1998.
- VASCONCELOS, Celso dos S. **Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar.** São Paulo: Libertad, 8^aed., 1997.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Escola, currículo e ensino.** Porto Alegre: UFRS, 1980.
- VELHO, Gilberto. **Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração.** Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1986.
- VIGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- WACHOWICZ, Lilian Anna. **O método dialético da didática.** Campinas: 1991.



*Ka-ku-iji, u'u-kita kaiala, ua-ku-ijia
muêne u-ku-tanga.*

*“Quem não te conhece te acha um João-ninguém;
s quem te conhece é quem informa o que de fato és.”
As pessoas não se avaliam pelas aparências.*

*Provérbio Angolano,
In Bantos Malês e Identidade Negra - Nei Lopes*